



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

SEMÍRISME APARECIDA DE CARVALHO

**A PRODUÇÃO DE TEXTO COMO EIXO NORTEADOR PARA A
AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA**

MARABA

2008

SEMÍRISME APARECIDA DE CARVALHO

A PRODUÇÃO DE TEXTO COMO EIXO NORTEADOR PARA A
AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA

Trabalho de conclusão de curso apresentado como pré-requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado Pleno em Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Pará, Campus de Marabá, sob orientação da Profa..Dra.Hildete Pereira dos Anjos.

Marabá – Pa
2008

A Todos os meus familiares e amigos que torceram e acreditaram em mim nesta longa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido a graça da realização deste trabalho, pois, nos momentos mais difíceis, era nele que encontrava forças para prosseguir e acreditar em mim.

À minha mãe, pela sua presença inestimável em minha vida, ajudando em todas as minhas dificuldades. A ela, meu carinho e profundo agradecimento por ter me ajudado a chegar até aqui sem sua presença com certeza tudo iria ser mais difícil.

Aos meus irmãos, que sempre estiveram do meu lado em todos os momentos da minha vida. Eles são parte desta vitória, pois lembro-me do incentivo de cada um deles para prosseguir meus estudos. Obrigada a vocês; Geraldo, Gilson e Gerson.

À minha irmã Célia, que não mede esforços para sempre estar contribuindo com o progresso das pessoas, pela sua fiel presença nos momentos em que precisei dela.

Às minhas tias Evani e Ana Meira; jamais esquecerei tudo que fizeram por mim durante a caminhada deste curso. Que Deus as abençoe sempre!

À professora Hildete que me acompanhou no desenvolvimento do trabalho e acreditou que poderia chegar até aqui. Meus sinceros agradecimentos ela, pois sua contribuição foi primordial para a realização deste trabalho.

A meu pai (em memória), que virou uma estrela no céu a brilhar por nós aqui na terra, espero que, onde estiver, esteja feliz com esta vitória. Que sua luz brilhe para sempre.

A todos os meus amigos que torceram e acreditaram em mim e que sempre estiveram do meu lado nos momentos de angústia, incentivando-me a prosseguir.

A todos os professores do curso, que contribuíram para o conhecimento que adquiri ao longo do curso.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar a aquisição da linguagem escrita buscando compreender a relação entre professor e aluno nas situações de produção de texto. O trabalho foi realizado em uma turma da 2ª série numa escola pública da cidade de Rondon do Pará e com o seguinte problema: como desenvolver a escrita dentro de uma concepção interacionista e construtivista da linguagem? Enfocou-se a sociopsicolinguística, com base especificamente em Vigotski e Braggio. Na realização da pesquisa foram usados princípios da pesquisa-ação para compreender como o aluno vai processando e interagindo com a escrita na sala de aula no momento de intervenção. Foi utilizada a técnica da produção coletiva de textos. Descobriu-se que ainda predomina uma forma mecânica para o desenvolvimento da escrita. No trabalho com produções, todas as crianças participaram escrevendo, usando sua criatividade e imaginação de acordo com o que foi proposto superando o modo mecânico de lidar com a escrita. A contribuição da professora foi de suma importância para a realização das atividades, visto sua significativa relação de proximidade com as crianças.

INTRODUÇÃO

O trabalho a seguir enfoca o problema da aquisição da linguagem escrita de forma que as crianças sejam o principal agente do processo em busca de adquirir a habilidade da escrita. O problema surgiu no interesse de pesquisar como professor e aluno se relacionam neste processo partindo da grande dificuldade que as crianças, tem, no desenvolvimento da escrita na 2ª série, sendo esta dificuldade a causa de reprovação e desistência.

Diante disso centrei-me em um campo específico que foi a produção de texto acreditando que possa ser um caminho, pois, quando os alunos chegam na 2ª série já compreendem o processo de alfabetização e a produção vem como objetivo de aprimorar cada vez mais esse processo. Considerei que o trabalho poderia ajudar a criança a desenvolver a escrita de forma que não seja só mecânica mas partindo da criança, da criação de hipóteses e conceitos sobre a escrita, para assim ir tendo domínio da habilidade.

Sabemos que o processo da aquisição da linguagem em nosso meio deixa muito a desejar, criando sérios problemas de comunicação entre indivíduos, acontecendo uma exclusão no processo social participativo, pois as pessoas não dominam a linguagem, ficando difícil interpretar o meio em que vivem. Quando não compreendemos nossa realidade, nos afastamos de uma sociedade da qual fazemos parte, e nos tornamos seres passivos. Diante disso, é necessário que a escola priorize situações de uso da linguagem mais eficazes, trabalhando a linguagem dentro de uma concepção social, vendo o aluno como sujeito desse processo.

O campo da psicolinguística explica que a linguagem escrita, como a leitura, é um processo de correspondência entre sujeito e o objeto, os dois se entrelaçam para a busca do significado. A linguagem neste sentido tem um caráter social e cultural que as pessoas adquirem através das interações. Isso significa compreender o papel social da linguagem num contexto sócio-cultural a qual está vinculada. Nesta perspectiva está no sujeito e a sua mente o desenvolvimento da aprendizagem tanto de leitura como da escrita.

O trabalho no campo da alfabetização deverá ser um processo contínuo, pois, de acordo com minhas experiências e das vivências como aluna e professora, eu acredito que é no aprendizado da linguagem escrita que vêm se concentrando os problemas localizados não

apenas na escolarização inicial, como também no fracasso no percurso do aluno durante toda sua vida escolar.

Diante disso, sabendo que a alfabetização é um processo contínuo, é necessário que a aquisição da linguagem escrita nos espaços escolares se fundamente em práticas que levem o aluno à busca de conhecimentos de seu interesse, considerando o que ele já sabe antes de entrar na escola. Isto significa valorizar suas vivências procurando saber seus conhecimentos prévios para se ter uma prática fundamentada nos próprios conhecimentos dos alunos. Desta forma a escola deve oferecer desde o início da escolaridade uma educação de qualidade, possibilitando aos alunos, reflexão, construção de idéias, para que o aluno tenha uma compreensão de linguagem e isto só poderá acontecer com exercícios cotidianos para a criança ir construindo de forma significativa o domínio da escrita.

Este trabalho foi realizado em uma escola pública da cidade de Rondon do Pará, que se situa na região sudeste do estado do Pará; teve a duração de dois meses com sessões de observação e intervenção. Durante o período aconteceram momentos de reflexão acerca da relação professor-aluno, práticas utilizadas em sala de aula e avaliações realizadas nas situações de produção de texto.

A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação, compreendendo que essa metodologia era a que melhor se encaixava nas intenções da pesquisadora em contribuir para a compreensão da aquisição da linguagem escrita, no sentido de proporcionar interação, troca de experiências que une teoria e prática.

A pesquisa foi fundamentada em uma visão sociointeracionista e construtivista da linguagem com base em Vigotski (1998), e Braggio (1997), que acreditam em uma abordagem genética da escrita e preocupam-se com seu processo de aquisição pela criança, e acreditam-se que o processo da aquisição da linguagem escrita inicia-se muito antes da criança entrar na escola e estendem-se por muitos anos. Especificamente no campo da psicologia, Braggio faz um estudo que vai da concepção mecanicista à sociopsicolinguística, a qual acredita que o processo de alfabetização não se centra em métodos mas especificamente no indivíduo enquanto ser social.

O objetivo geral do trabalho foi compreender a maneira como se confrontam o processo da aquisição da língua escrita e as metodologias utilizadas em sala pelo professor.

Com base nos objetivos específicos dividi os tópicos em categorias e ficaram organizados em três aspectos: relação professor e aluno; práticas utilizadas em sala de aula; avaliação das práticas nas situações de produção de texto.

No primeiro capítulo faço uma abordagem teórica dos autores que explicam suas teorias e experimentos acerca da linguagem escrita. A abordagem caracteriza as transformações da escrita de um modelo mecânico para um modelo interacionista e construtivista da linguagem, enfocando pontos essenciais de como vêm a escrita e sua trajetória, considerando a linguagem um processo sócio-cultural.

O segundo capítulo aborda campos específicos baseados em autores que explicam a importância da produção de texto em uma visão sócio interacionista e construtivista. Como a produção pode ser útil para se trabalhar a aquisição da linguagem da forma que os teóricos acreditam que deve ser centrada, em uma aprendizagem onde o sujeito seja o principal agente do processo. Aborda também fatores que dificultam o trabalho com produções dentro de uma perspectiva da vivência da sala de aula, considerando aspectos que estão vinculados ao modelo de escola que temos hoje. A avaliação é outro fator abordado, dentro da perspectiva de acompanhamento de forma contínua da aprendizagem na tentativa de identificar as conquistas e os problemas dos alunos em seu desenvolvimento, tendo um caráter processual.

O terceiro capítulo analisa e interpreta os dados, enfocando os três objetivos específicos do trabalho transformando-os em categorias: a relação entre professor e aluno; práticas de produção: uma reflexão da teoria a prática; práticas avaliativas nas situações de produção de texto. Aqui estão analisadas situações que envolvem professor e aluno, dentro de uma abordagem para aquisição da língua escrita e como ambos se confrontam no desenvolvimento do processo. O capítulo mostra também as análises das produções feitas pelas crianças e como elas responderam a tais práticas. Finalizando o estudo proposto o último capítulo ficou para as considerações finais acerca do estudo proposto.

2-APRENDIZADO E AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA SOB UMA PERSPECTIVA INTERACIONISTA E CONSTRUTIVISTA.

Entender o processo da aquisição da escrita de forma interacionista e construtivista é ir ao encontro de novas possibilidades para uma construção da escrita baseadas na realidade, na prática social em que a mesma está vinculada, considerando o aluno o sujeito principal do processo.

A linguagem escrita teve grandes transformações até chegar aos dias atuais. A mudança de paradigma na alfabetização, de uma concepção mecanicista para uma concepção psicolinguística interacionista implicou não só mudanças nos métodos, mas também e principalmente, na concepção de homem e de sociedade.

A linguagem escrita ainda é motivo de grandes pesquisas e estudos, mesmo tendo passado por grandes evoluções até os dias atuais, a mesma é um instrumento simbólico construído pela humanidade a milhares de anos.

Estudiosos e pesquisadores centraram-se cada um em um campo específico para compreender melhor o processo, pois a escrita é de um processo complexo, no sentido deste desenvolvimento envolver fatores psicológicos, sociais, pois indivíduos se relacionam para entender e adquirir a linguagem escrita.

Desta forma podemos atribuir estes campos específicos em alguns aspectos que foram e são muito importante para entender os estudos e descobertas que envolvem, nas quais podemos dividir desta forma: o aspecto fônico, que envolve o desenvolvimento da consciência fonológica, a aprendizagem das relações fonema-grafema, ou seja, transferência da forma sonora da fala para a forma gráfica da escrita; o campo da leitura compreensiva, que dá oportunidade para ampliação do vocabulário e desenvolvimento de habilidades como interpretação, avaliação, inferência, entre outras; temos também o campo da identificação e do uso adequado das diferentes funções da escrita, dos diferentes tipos e gêneros de texto, etc. Cada uma dessas teorias exige metodologia de ensino específica, de acordo com sua natureza. No entanto, nota-se que há uma forte tendência de privilegiar na aprendizagem da língua escrita apenas o aspecto fônico, na qual está baseado nos métodos tradicionais.

Todavia, os conhecimentos atuais, nos mostra que é preciso que haja uma articulação de conhecimentos e metodologias fundamentadas nas diferentes ciências que ao longo do

tempo foi se descobrindo e sua representação em uma prática docente que integre as várias teorias.

Apesar da variedade de métodos ensaiados para se ensinar a ler, existe um grande número de crianças que não aprende ler... a lectoescrita se constitui em um dos objetivos da instrução básica e sua aprendizagem, condição de sucesso ou fracasso escolar.(FERREIRO E TEBEROSKY, 1985,p.18)

Neste sentido, a relação, a proximidade entre professor e aluno tem um grande significado para compreendermos o processo, fazer com que o sujeito compreenda e formule hipóteses sobre a escrita exige conhecimento que vai além das letras, das sílabas, alfabetizar é compreender a vivência, a experiência que o aprendiz traz consigo, com a história de tudo que o cerca, com o passado, futuro e presente.

Diante disto, FARACO (2000, p.53) afirma que “alfabetizar é mais que apenas ensinar e a reconhecer o grafado”. Como diz o documento “Algumas diretrizes básicas para a alfabetização”, elaborado pela equipe da Secretaria Municipal de Educação de Curitiba (1988), “o ensino sistemático da grafia é apenas parte do processo mais amplo de domínio da linguagem escrita e deve estar subordinado a este”.

De acordo com Vygotsky, a escrita ocupa um lugar muito estreito na prática escolar, em relação ao papel que a mesma desempenha no desenvolvimento cultural da criança. Para ele, a aprendizagem da linguagem escrita deve ser aprendida como algo vivo.

É fazer entender que o desenvolvimento da escrita na criança desenvolve de forma natural, sem ser um processo mecânico, mas um processo que deve ser fundamentado nas necessidades naturalmente desenvolvidas nas crianças e nas suas próprias atividades, ou seja, a escrita não deve ser imposta, mas sim construída através dos elementos que dispõe na própria criança. Para ele a aquisição da língua escrita é a aquisição de um sistema simbólico da representação da realidade.

Neste sentido, Vygotski (1989) considera importante que a escrita seja desenvolvida e centrada em uma pedagogia em que considerasse os conhecimentos que a criança dispõe, transformando assim no desenvolvimento de uma escrita viva. A criança desde pequena se insere no mundo é através do meio em vive é que vai se desenvolvendo, descobrindo e para

isto é necessário interação com pessoas e objetos, desta forma a mesma vai formulando hipóteses e estabelecendo uma compreensão significativa para tudo que está ao seu redor.

Partindo do desenvolvimento que a própria criança dispõe e considerando seu mundo infantil, **VIGOTSKI** (1989) pesquisa a pré-história da escrita com o objetivo de compreender a história do desenvolvimento dos signos das crianças considerando alguns aspectos que são relevantes para tal compreensão, como por exemplo, os gestos, o brincar e o desenho. Estes elementos nos quais são usados pelas crianças carregam simbolismos que se relacionam com a aprendizagem da escrita.

Diante disso, Vygotsky enfatiza que: “O gesto é o signo visual que contém a futura escrita da criança”(op.cit., p.141). Segundo Vygotski, podemos compreender este processo considerando três elementos. O primeiro elemento relaciona com a história da escrita humana, que através da histórica pictográfica reconheceu registros que identificam os gestos, que vem através das designações simbólicas que deriva de uma linguagem gestual.

O desenho e o rabisco das crianças são outros elementos que estão ligados ao desenvolvimento da criança e que também tem uma relação com o desenvolvimento da escrita devido à criança representar antes de utilizar o recurso gráfico, demonstrando por gestos o que deveria registrar. A mesma compreende que seus rabiscos devem representar seus gestos. Conforme Vygotsky os gestos são escritas feitas no ar, e os sinais escritos, frequentemente, são simplesmente gestos que foram fixados no papel (op.cit., p.142).

A criança não desenha o que vê, mas o que sabe, o que sente. Ela ainda na fase de rabiscagem, descobre nas pontas dos dedos, um impulso simultâneo que fará compreender que suas mãos através de um objeto (lápis, caneta, pincel, graveto, palito), imprimi marcas sobre qualquer superfície, como areia, papel, barro, ou seja a criança através do desenho poderá representar seus atos infantis. O signo gráfico é resultante de uma ação carregada de uma intencionalidade ainda não totalmente expressa.

O brincar também é outro fator que contribui para a compreensão do desenvolvimento da criança, pois a mesma utiliza os gestos e transforma um objeto real em simbólico, dando outro significado ao objeto. Como por exemplo, transformar um cabo de vassoura em um cavalo. Ao representar, a criança utiliza como forma de relacionar significantes e significados sua expressão corporal, musical, gráfica e dramática.

Vygotsky, coloca que, assim como a criança representa um cavalo com um cabo de vassoura, a escrita também passa a ser para criança um tipo de objeto substituto. Cada vez que a criança vai inserindo nesse universo de representação, o brinquedo, o jogo simbólico e o desenho passam a ser uma necessidade.

Desta forma ele acredita que as interações sociais é fundamental neste processo, pois, acredita-se que é nessas interações que a criança vai compreendendo a função da linguagem escrita partindo do princípio que a linguagem é necessária em um jogo de interlocuções que se estabelece na vida e no espaço escolar. Considerando a importância do brinquedo como um signo de representação Vygotski enfatiza que:

No brinquedo, a criança projeta-se nas atividades adultas de sua cultura e ensaia seus futuros papéis e valores. Assim o brinquedo antecipa o desenvolvimento: com ele a criança começa a adquirir a motivação, as habilidades e as atitudes necessária à sua participação social, a qual só pode ser completamente atingida com a assistência de seus companheiros da mesma idade e mais velhos. (VYGOTSKI, 1998, p.173)

Desta forma, podemos atribuir todos estes elementos há uma compreensão significativa da linguagem, seja ela oral e escrita. Através de gestos e símbolos as crianças dão significado às coisas ao seu redor, e isto, de acordo com os estudos, já inicia cedo na criança, a partir dos três anos, na qual foi estudado por H. Hetzev e citado por VYGOTSKI (1989), através de algumas atividades onde as crianças davam significado aos objetos, e que em muitas situações lançavam mão da linguagem oral para fazê-lo.

Analisando todos estes fatos e relacionando-os com o desenvolvimento que passa a criança, podemos ver que a criança dispõe de artifícios que identificam a uma futura escrita e que isto deve ser trabalhado na criança, a escola deveria considerar todos estes aspectos, que demonstram que através dos gestos, brincadeiras e desenhos, e tendo uma mediação, aprendam a ler e escrever. “A representação simbólica no brinquedo é, essencialmente, uma forma particular de linguagem num estágio precoce, atividade essa que leva, diretamente à linguagem escrita” (VYGOTSKI, 1998, p.126).

Desta forma, a escrita deve ocorrer de tal forma que a criança sinta a necessidade de fazê-lo e não de forma que a mesma sinta necessidade de afastar por achar difícil.

A escola deve considerar a realidade dos alunos, ajudá-los a superar “dificuldades” no processo de aprendizagem, ao invés de culpá-los por não terem a capacidade de aprender. O meio social, sua cultura, não pode ser separado da escola, pois havendo esta dicotomia ao invés de diminuir as desigualdades sociais, a escola pode estar reproduzindo.

Dentro dessa perspectiva, Braggio fala sobre o papel da escola diante dos aprendizes: “... a escola deve ajustar-se às crianças ao invés de ajustar as crianças às escolas, já que são as escolas que não estão preparadas para receber as crianças das classes e etnias menos privilegiadas”(1992, p.61).

É necessário compreender que a linguagem é algo que adquirimos em um processo de interação, e sobretudo, a linguagem escrita, e apropriando-se o indivíduo se apropria das técnicas oferecidas por sua cultura, passando a ser uma técnica interior que poderá ajudar o indivíduo em sua maneira de pensar, agir sobre o meio em que vive. Quando nos apropriamos da linguagem escrita na qual é um código de comunicação, ela terá o poder de mudar profundamente o modo de funcionamento da percepção, da memória e do presente.

Emilia Ferreiro acredita também que a escrita é um sistema vinculado a um processo cultural, e a alfabetização, sendo o domínio progressivo desse sistema, se inicia muito antes da escolarização. Desta forma vemos que tanto Vygotski quanto Braggio e Ferreiro vêm a alfabetização como um processo dinâmico e ativo e não como a mera aquisição de uma habilidade mecânica que permite fazer correspondência letra-som.

A aprendizagem da leitura inicia-se muito antes do que a escola imagina, passando por insuspeitados caminhos, e que não poderia se reduzir a um conjunto de técnicas percepto-motoras, nem à “vontade” ou à “motivação”, pensando que deveria se tratar, mais profundamente, de uma aquisição conceitual. (FERREIRO, 1985, p.13).

Para Ferreiro, a aprendizagem da língua escrita é a construção de um sistema de representação. A aprendizagem, nessa perspectiva, fica entendida que é apropriação de um novo objeto de conhecimento, ou seja, é uma aprendizagem conceitual. Para ela alfabetizar é construir conhecimento.

Considerando suas pesquisas ela percebeu que cada sujeito parece refazer o caminho percorrido pela humanidade. Para isso, ele passa por etapas distintas: pictográfica_ forma de escrita mais antiga que permitia representar a palavra solicitada. b) ideográfica_ consistia no

uso de um simples sinal ou marca para representar uma palavra ou conceito: uso de símbolos diferentes pra representar palavras diferentes .C) logográfica _ escrita constituída por desenhos, referentes ao nome dos objetos e não o objeto em si. Para Ferreiro, assim como as primeiras civilizações faziam inscrições na pedra e a “escrita” representava o próprio objeto, a criança também associa o significante ao significado. A criança acha que escrever é desenhar o objeto, as pessoas, as coisas. Diante disso passa se fazer uma relação na qual a criança vai compreendendo o processo da aquisição da língua escrita, pois quando a criança passa fazer a diferença entre escrita e desenho, de forma complexa e com extremo esforço mental passa a entender que a escrita também representa a fala.

Para ela a criança até chegar neste estágio passa por diferentes etapas das quais o primeiro momento é a hipótese silábica, na qual para cada emissão de voz, ela coloca uma marca no papel. Avançando nesta hipótese, a criança passa por um período de transição: ora escreve silabicamente, ora escreve alfabeticamente, chegando assim ao processo alfabético que é a compreensão de que para escrever palavras precisa-se de sílabas.

Neste sentido o professor alfabetizador deve compreender o processo de transposição da fala para a escrita (correspondência fonema/grafema) e do respeito que a escola deve ter com este processo de aprendizagem; a criança elabora hipóteses para chegar à forma convencional da língua escrita já que não há uma relação exata entre letra e fonema no alfabeto. Desta forma Braggio considera que:

[...]esta constatação leva a conclusão de que os métodos que enfatizam o ensino da correspondência som/letra no processo de alfabetização são no mínimo ingênuos, pois acabam tendo que decidir o que é mais fácil e mais difícil para a criança, baseados em considerações arbitrárias e psicologicamente fundamentadas (BRAGGIO ,1992, p,23).

De acordo com Braggio (op.cit.1992,p.17), a sociopsicolinguística vem romper com o paradigma de que a alfabetização se baseia em métodos mecânicos. Isto se deu a partir dos anos 50, quando pesquisadores começaram a compreender os processos de aquisição da linguagem escrita. Muitos desses pesquisadores elaboraram trabalhos contrários ao mecanicismo bloomfieldiano. Para Bloomfield a alfabetização acontece a partir da decomposição dos elementos lingüísticos. De acordo com a teoria mecanicista a aprendizagem é vista como um processo mecânico. A partir de então, tais pesquisadores passaram a ver o processo de alfabetização considerando a teoria psicolinguística de aquisição

da escrita. Esse processo se baseia na construção, na busca do significado e não unicamente na decodificação de letras, palavras isoladas, frases soltas.

O principal responsável por essa mudança foi Noam Chomsky. Braggio destaca que “apesar de alguns problemas de concepção, a teoria inatista chomskyana serviu de suporte para uma nova teoria denominada Teoria Psicolinguística da Alfabetização, proposta por Goodman e Smith, que se afasta da visão mecanicista e tem na construção do significado sua principal premissa”(op. cit.ano,1992,p.16).

Segundo Goodman (apud BRAGGIO,1992, pg, 71).

o sistema grafofônico, é composto dos sistemas ortográficos, fonológico e fônico; o sistema sintático é aquele em que a gramática da língua é vista como o sistema pelo qual as unidades simbólicas podem representar significado; o sistema semântico é visto como um sistema completo (e não simplesmente um conjunto de palavras) pelo qual a língua pode representar significado pessoal e social altamente complexos; a significação pragmática é sempre parcialmente textual e parcialmente contextual.

De acordo com a psicolinguística, não cabe a idéia de que alfabetizar se baseia em treinos para adquirir habilidades como memória, discriminação visual, coordenação motora, mas a alfabetização é fruto de um processo de construção de hipóteses, de procedimentos de análise da língua escrita por parte de quem aprende.

A abordagem sociopsicolinguística acredita que o processo de alfabetização é longo, começa muito antes da criança entrar para a escola, e é resultado não de trabalho com frases descontextualizadas, sem significado, ou de treinamento de codificação de sílabas, mas sim da transformação das hipóteses que a criança constrói em seu esforço para compreender o que é, para que serve e como funciona a escrita. A escola geralmente ignora essa capacidade da criança, e adota um modelo de ensino de língua escrita que não leva em consideração a maneira pela qual realmente a criança processa essa forma de linguagem, resultando no fracasso escolar, na reprovação, na evasão das crianças, principalmente aquelas economicamente menos favorecidas.

[...] a aprendizagem, ou aquisição da linguagem escrita é vista pois, como um processo repetitivo, mecânico, onde a técnica de ler e escrever prevalece sobre a compreensão, o significado. O conhecimento anterior da criança sobre a linguagem é ignorado no processo, bem como o contexto de onde vem. Sua criatividade é cerceada. A leitura e a escrita são vistas como um meio para um fim em si mesmas, sem nenhum caráter funcional (BRAGGIO, 1992, p.15).

Desta forma a escrita deve ser sempre a busca do significado, ou seja, a escola deve fundamentar seus programas de alfabetização no uso funcional da língua escrita, na qual os aspectos funcionais da língua tenham predominância sobre a aquisição de sua forma. Neste caso, a linguagem, sendo um código de comunicação não pode ser desligada dos processos de construção de significações. Porém, nota-se nas escolas que ainda predomina o componente grafofônico sobre o sintático, semântico e pragmático, isto é, a procedência da forma da linguagem sobre sua função. Neste caso a escola deve considerar a linguagem que o aluno traz, sua cultura o seu meio social.

2.1. A PRODUÇÃO DE TEXTO: UM MODELO DE AQUISIÇÃO DA LÍNGUA ESCRITA DE FORMA CONSTRUTIVISTA E INTERACIONISTA.

Considerando a teoria psicolinguística de que o ensino da língua escrita deve se fundamentar em um processo da busca do significado o texto deve ter importância fundamental no processo de aquisição da linguagem escrita.

Desta forma, nota-se a importância da produção de texto nas salas de aula, para que possa dar oportunidade ao aluno de formular hipóteses e até mesmo desenvolver sua capacidade de reflexão acerca do que está a sua volta.

Quando a criança tem oportunidade de exercer a escrita segundo suas idéias, de pôr em jogo o que pensa sobre a escrita, com frequência vai se aproximando pouco a pouco da fonetização da escrita. Porque, ao contrário do que se imaginava, fonetização da escrita não é fruto de um estalo, e sim de uma longa e laboriosa construção.” (BRASIL, ano, p 18).

A escola deve priorizar situações em que o aluno esteja constantemente ligado a atividades que oportunize situações de interação e reflexão acerca do que está propondo. Segundo Paulo Freire, “[...] a educação é uma forma de intervenção no mundo”.(ano,1996 p.110). Portanto, é necessário que a escola perceba o aluno como sujeito transformador de sua realidade e conseqüentemente da sociedade que o cerca e da qual é integrante.

A produção de texto como eixo principal no processo de aprendizagem da linguagem escrita favorece um elo entre pensamento, linguagem, que faz com que o aluno avance a cada dia em estar adquirindo uma aquisição da linguagem escrita de forma viva e dinâmica. No entanto, trabalhar com produção de texto exige uma mediação permanente do professor para que assim possa estabelecer uma interação dialógica entre professor e aluno.

[...]o ponto culminante da teoria psicolinguística da aquisição da escrita é a busca do significado do texto e, não apenas, a internalização de letras, palavras isoladas, frases descontextualizadas, mas da escrita na sua forma plena, o que nos afasta dos “textos” – se é que podem ser assim chamados, os que são encontrados nas cartilhas de alfabetização – escritos para todas as crianças, como se a sociedade inteira formasse um todo homogêneo (BRAGGIO, 1992, p.17).

Desta forma, o trabalho com aprendizes da linguagem escrita deve acontecer no processo discursivo, tal como se realiza na aprendizagem da linguagem oral. É necessário que as situações de ensino-aprendizagem da língua escrita sejam verdadeiras atividades de linguagem, atentando para o significado que os alunos elaboram dessa linguagem. No entanto, isto só acontece quando o professor dá oportunidade ao aluno, fazendo com que o processo de aprendizagem seja visto de acordo com a realidade, considerando suas idéias. A oportunidade de escrever, quando ainda não sabe, permite que a criança confronte hipóteses sobre a escrita e pense como ela se organiza, o que representa, para que serve.

A produção de texto exige sensibilidade, criatividade, imaginação, habilidade que pode ser adquirida pela prática. O trabalho com texto tem como finalidade, também, formar autores competentes, capazes de produzir textos significativos, coerentes, coesos. Portanto, é função do educador oportunizar essa rotina (mesmo para alunos que não escrevem convencionalmente). “[...] A produção textual é um processo de geração de sentidos, sempre novos e únicos, os quais na medida em que são gerados, geram outros, e assim, se instaura a dinâmica evolutiva do texto” (GERALDI, ano, 1997, p.195).

Desta forma, é necessário que a produção de textos precisa-se realizar em um espaço em que sejam consideradas as funções e o funcionamento da escrita, bem como as condições nas quais é produzida: para que, para quem, onde e como se escreve. A respeito da definição de interlocução, Geraldi sugere um trabalho destinado a interlocutores reais ou possíveis.

[...] Exemplifiquemos: um projeto a ser desenvolvido poderia ser a recuperação da história da família do próprio aluno; recuperá-la significaria, para mim, não simplesmente um ‘tema’ para os textos, mas principalmente a definição da própria família como destinatária dos textos que se produzem no projeto. Um texto destina-se a outro, seu leitor provável, para o qual (os quais) está se produzindo o que se produz. Outras possibilidades podem ser: a confecção de livros de histórias; a organização de jornais murais ou jornais escolares; a organização de “conferências”, exposições e debates de temas, etc. Importa aqui é não reduzir tais propostas a meros “instrumentos didáticos”, mas construí-los em conjunto, como projetos de trabalho do grupo”. (op. cit, p.162).

Nesse sentido, podemos dizer que o trabalho com projetos são muito viáveis para que os alunos produzam texto de forma contextualizada. A produção de textos (orais e escritos) é ponto de partida para todo processo de ensino-aprendizagem da língua.

Centrar o ensino na produção de textos é tomar a palavra do aluno como informação útil dos caminhos que necessariamente deverão ser percorridos no aprofundamento, quer da compreensão dos próprios fatos sobre os quais se fala, quer dos modos pelos quais se fala.

[...] a linguagem é ela mesma um trabalho pelo qual, histórica, social e culturalmente, o homem organiza e dá forma a suas experiências. Nela se produz, do modo mais admirável, o processo dialético entre o que resulta da atividade do sujeito na constituição dos sistemas lingüísticos, as línguas naturais de que nos servimos. [...] É na interação social, condição de desenvolvimento da linguagem, que o sujeito se apropria [do] sistema lingüístico, no sentido de que constrói, com os outros, os objetos lingüísticos de que se vai utilizar, na medida em que se constitui a si próprio como leitor e outros como interlocutores”. (GERALDI, ano, 1997 p. 09-10).

A linguagem é lugar de conhecimento do sujeito, no que diz respeito tanto a sua expressa subjetividade quanto na abordagem crítica da realidade. Porém o que se vê na escola é o declínio da espontaneidade e criatividade verbais dos alunos. Nessa perspectiva, a escola precisa definir práticas pedagógicas voltadas para a questão da relação sujeito/linguagem.

Uma das críticas feitas à produção escrita da criança na escola, é o fato de que os alunos não se constituem sujeitos de sua linguagem na medida em que os obrigam a fazer suas produções para um único interlocutor – o professor. Anula o que há de diálogo e intencional na linguagem, acaba por ignorar, inclusive, a própria finalidade da escrita como um ato de interlocução. Desta forma Geraldi afirma que:

Considero a produção de textos (orais e escritos) como ponto de partida (e ponto de chegada) de todo o processo de ensino/aprendizagem da língua. E isto não apenas por inspiração ideológica de devolução do direito à palavra às classes desprivilegiada, para delas ouvirmos a história, contida não contada, da grande maioria que hoje ocupa os bancos escolares. Sobretudo, é porque no texto que a língua — objeto de estudo — se revela em sua totalidade quer enquanto conjunto de

formas e de seu reaparecimento, quer enquanto discurso que remete a uma relação intersubjetiva constituída no próprio processo de enunciação marcada pela temporalidade e suas dimensões.(1997, p,135).

Nesta perspectiva a produção de texto exerce um papel importante para aquisição da língua escrita quando o mesmo, passa a contemplar o texto como objeto de estudo que favorece o entendimento da língua em sua totalidade, ou seja, sujeito e linguagem se entrelaçam articulando seus pensamentos sobre o mundo de forma discursiva, o sujeito se compromete com a palavra na qual será o principal agente no processo é sobretudo fazer se pensar e ir dando significando ao que pensa analisa sobre determinado assunto.

Desta forma os PCN'S vem caracterizado a importância de se produzir textos para a aquisição da escrita e o papel da escola em ajudar os alunos a tornarem-se autores (não escritores), considerando que todos, terão que produzir textos, apropriados a diferentes situações comunicativas. E se o objetivo é que o aluno aprenda a produzir e a interpretar textos, não é possível (como já foi mencionado) tomar como unidade básica de ensino nem a letra, nem a sílaba, nem a palavra, nem a frase que, descontextualizadas, pouco tem a ver com a competência discursiva, que é questão central.

O conhecimento a respeito de questões dessa natureza tem implicações radicais na didática da alfabetização. A principal delas é que não se deve ensinar a escrever por meio de praticas centradas apenas na codificação de sons e letras. Ao contrario, é preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a escrever em condições semelhantes às que caracterizam a escrita fora da escola.É preciso que se coloquem as questões centrais da produção desde o inicio: como escrever, considerando, ao mesmo, o que pretendem dizer e a quem o texto se destina — afinal, a eficácia da escrita se caracteriza pela aproximação máxima entre a intenção de dizer, o que efetivamente se escreve e a interpretação de quem lê. É preciso que aprendam os aspectos notacionais da escrita (o principio alfabético e as restrições ortográficas) no interior de um processo de aprendizagem dos usos da linguagem escrita. É disso que se está falando quando se diz que é preciso aprender a escrever, escrevendo”(BRASIL ,ano1997, p.66).

Diante disso a escola tem a função de oportunizar essa rotina sendo a mediadora do processo e não uma mera reprodutora de regras, mas sim fazer do aluno um ser ativo na construção da linguagem, quando se dá a oportunidade do aluno de escrever ele terá a oportunidade de refletir sobre a língua dentro de uma amplitude de construção de sentidos.Segundo GERALDI (ano,1997,p,161) A devolução da palavra ao aluno faz deste o condutor de seu processo de aprendizagem, assumindo — se como tal. Isto não quer dizer a decretação de um nada a fazer ou declarar para o professor.

A escola deve oferecer a seus alunos desde o início da escolaridade uma educação de qualidade que faça o aluno refletir, construir suas próprias idéias, sendo o sujeito transformador de sua realidade e conseqüentemente da sociedade que o cerca. Desta forma o PROFA (Programa de Formação de Professores) considera importante que a escrita é um processo e que oportunizar essa rotina ajuda no processo da aquisição da escrita.

Quando a criança tem a oportunidade de exercer a escrita segundo suas idéias, de por em jogo o que pensa sobre a escrita, com freqüência, vai se aproximando pouco a pouco da fonetização da escrita. Por que ao contrario do que se imaginava fonetização da escrita não é fruto de um estalo e sim de uma longa e laboriosa construção. (BRASIL, ano 1997, p.62).

Portanto nota se quanto mais à criança escrever exercendo sua criatividade seu pensamento, mais ela vai se apropriar da linguagem escrita, pois, só aprendemos escrever escrevendo e o ato de adquirir esta habilidade sendo a linguagem escrita um código de cultura ou seja algo que o ser humano foi se apropriando conforme a necessidade de se comunicar ou seja a escrita não é algo que trazemos em nossos genes mas algo que exige compreensão formulação de hipóteses na qual associa ao pensamento para compreender o sistema.

2.2. AVALIAR PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA

A avaliação é um exercício mental que permite a análise, o conhecimento, o diagnóstico, a medida ou julgamento de um objeto. Esse objeto deve ser a própria realidade e daqueles que a fazem. Avaliar seria um processo de auto-conhecimento e, também, o conhecimento da realidade e da relação dos sujeitos.

A avaliação é um processo que ainda se faz presente nas escolas para efeito de registro de notas para avaliar a capacidade do aluno durante toda a sua vida escolar. Os alunos de certa forma estão sempre sobre um olhar muito específico a cerca do olhar do professor de como o aluno processou currículo oferecido pelas escolas.

Sobretudo este modelo vem caracterizando outro sentido com o passar dos tempos, visto que esta avaliação somente através de notas, não ajudaria o aluno em um sentido mais amplo que envolve todo seu potencial a cerca do que vive, sente e age. Diante disso a forma de avaliar passou a ser estudos de vários estudiosos na tentativa de buscar novos olhares para uma avaliação que tenha um caráter de permanente desenvolvimento do aluno, procurando identificar como ele vai processando a aprendizagem e quais estratégias podem ser usadas na medida em que vai avançando, ou seja, a avaliação passa de um modelo exclusivo para um modelo de inclusão.

Diante disso avaliar deve ser um elemento de integração e motivação do ensino aprendizagem e não como se tem ocorrido nas escolas como forma carregada de ameaça pressão e medo. Desta forma a relação entre professor e aluno deve ser pautada em uma relação de dialogo de busca de compreensão. Neste sentido Hoffman 1998 coloca que:

De tal forma o olhar do professor vasculha por desvios ao padrão determinado a priori que poucos sobrevivem à fúria avassaladora da comparação, resultando na perversidade de uma escola seletiva e excludente, e perigosamente monótona pela sua incapacidade de valorizar as ricas experiências de vida e diferentes formas de pensar de muitas crianças e jovens diferentes(HOFFMAN, ano,1998, p.20).

A avaliação considerando os modelos que alguns estudiosos acreditam é um processo permanente de aprendizagem que deve respeitar as diferenças, conhecendo a historia dos alunos uma vez que o aluno esta submerso em um mundo na qual te da a capacidade de interação que dão significados de caráter afetivo, cognitivo e social por isto a avaliação deve ter uma atenção especial aos sujeitos envolvidos no processo tal como diz HOFFMAN,(ano,1998, p. 22). “É preciso ter um olhar atento sobre o estudante. Porque cada etapa de sua vida é altamente significativa e precedente as próximas conquistas.

Desta forma a avaliação esta centrada em princípios que dão a capacidade ao professor de ter uma avaliação formativa que tem uma função diagnostica, processual, descritiva e qualitativa, capaz de indicar os níveis dos alunos, suas dificuldades ao longo do processo, e as estratégias de intervenção necessárias a seus avanços. Desta forma Perrenoud coloca o papel da escola dentro de uma concepção de avaliação formativa.

Paradoxalmente, uma avaliação formativa poderia dar à administração escolar mais controle sobre a qualidade e a conformidade do ensino de uns e de outros. Com certeza limitaria a parcela das informações cifradas, mas conduziria a representações mais precisas daquilo que os alunos sabem fazer realmente. Em vez de comparar as aquisições reais e, portanto, distinguir mais claramente os professores mais e menos eficientes.(PERRENOUD, ano 1999, p.95)

Desta forma a alfabetização sendo um processo na qual as crianças vão construindo conceitos sobre a aquisição de leitura e escrita deveria ter um caráter formativo que estabeleça uma intervenção pedagógica que ajude o aluno na construção da linguagem já que ela tem um caráter histórico social.

Diante disso, FRANCHI acredita que a linguagem é mudada constantemente pelo sujeito que sobre ela atua.

[...] A linguagem é ela mesma um trabalho pelo qual histórica, social e culturalmente o homem organiza e dá forma às suas experiências. Nela se produz do modo mais admirável o processo dialético entre o que resulta da atividade do sujeito na constituição dos sistemas lingüísticos, as línguas naturais de que nos servimos. É na interação social, condição de desenvolvimneto da linguagem, que o sujeito se apropria do sistema lingüístico, no sentido de que constrói, como os outros, os objetos lingüísticos de que se vai utilizar na medida em que se constitui a si próprio como leitor e os outros como interlocutores (ano, p.)

Desta forma a aquisição da linguagem exige uma avaliação que considere o que o aluno escreve, como escreve e para quem escreve e porque escreve, é considerar os erros como parte do processo de internalização dos sistemas. Mas para que isto tenha um caráter positivo para a criança o professor deve criar situações, utilizar estratégias para que o aluno supere as dificuldades. Considerando o erro como um meio que esta vinculado ao processo de ensino aprendizagem e que ele poderá ajudar o aluno a avançar Esteban afirma que:

O erro passa a ser visto por outro prisma, como momento do processo de construção de conhecimento que dá pistas sobre o modo como cada um esta organizando seu pensamento, a forma como está articulando seus diversos saberes, as diversas lógicas que atravessam a dinâmica ensino/aprendizagem, as muitas possibilidades de interpretação dos fatos, a existência de vários percursos, desvios e atalhos, as peculiaridades de cada um nos processos coletivos, a tensão individual/coletivo.Deixa de representar a ausência de conhecimentos, a deficiência, a impossibilidade, a falta.(ESTEBAN, ano, 2002, p. 21).

Considerando que a aquisição da linguagem e de um sistema complexo é importante que a avaliação assuma um papel de constante reflexão a cerca do que os alunos pensam do que seja a escrita dentro de um contexto onde ele esteja inserido. Desta forma cabe aos professores uma intervenção que considerem as especificidades dos alunos dando a eles varias oportunidades de escrever, pois, em certas situações alunos não escrevem por medo de errar e por não dominarem alguns elementos necessários para aprender escrever que são a coordenação motora, a organização no espaço do papel, o nível de aquisição da escrita. Desta forma a avaliação deveser sempre ser continua e processual para entender como o aluno vai processando a habilidade da escrita. Esteban enfatiza que o professor deve compreender o que o aluno pensa e age em torno da aprendizagem.

Nesta perspectiva, o professor procura compreender o que os alunos podem vir a saber/fazer, com vistas a desenhar uma ação docente que favoreça este processo. Para conhecer e transformar o processo pedagógico, procura meios de se aproximar do contexto no qual a escola se insere e dialogar com esse entorno, considerando-o parte significativa da dinâmica ensino/aprendizagem. Se apropriada dos conhecimentos já produzidos, articula-os com sua observação/ação e, em conjunto com seus companheiros, produz novos conhecimentos. (ESTEBAN, ano, 2002. p. 23).

Avaliar dentro de uma visão construtivista é procurar sempre vários modelos de avaliação que ajudem o aluno a avançar em suas hipóteses e reflexões e o ensino da linguagem exige que seja assim, devido à habilidade da escrita exigir do sujeito um constante ato do pensamento. É considerar todo o universo que rege o mundo do aluno e não apenas considerar um único meio de como ele vai absorvendo as informações. Desta forma Hoffman enfatiza a importância do respeito que se deve ter com as diferenças de cada aluno.

O que significa edificar o processo avaliativo no terreno das hipóteses e não das certezas. Hipóteses a serem continuamente confirmadas, negadas, reformuladas, por um acompanhamento sério e permanente do professor em conjunto com outros professores, pais e outros educadores que se envolvem com o aluno. Seriedade essa que representa sobretudo o aprofundamento teórico do professor em sua área de ensino, em teorias de conhecimento, nos estágios evolutivos do pensamento dos estudantes, bem como exige do professor uma reflexão permanente sobre concepções de vida e de educação que estariam influenciando nos seus julgamentos. (HOFFMAN, ano 1998. p.18).

Uma aprendizagem significativa deve ter critérios avaliativos significativos percebendo o ponto de vista do outro, reconhecer a singularidade de cada aluno e não critérios específicos que não contribuem para um ensino baseados no significado essencialmente que a escrita representa e a importância de adquirir esta habilidade para usá-la como prática social que representa.

O que pretendo dizer é que um olhar de respeito às diferenças dos alunos significa essencialmente a tentativa de conhecê-los e admirá-los em sua singularidade, muito mais do que encontrar meios ou critérios para argumentar sobre o seu desempenho ou rentabilidade em comparação com os demais. É necessário ressignificar o diferente em educação como essencial a condição humana, como positivo e desencadeador das relações de cooperação, porque o diferente enquanto negativo leva ao individualismo, à competição, à segregação (HOFFMAN, ano 1998, p.24).

Desta forma, avaliar abrangeria todo um contexto que vai além de notas mas de uma prática que envolva os sujeitos para a aprendizagem de forma em que não sejam rotulados por capazes e incapazes mas sim de abstrair conceitos na qual utilize em favor dos aprendizes. É compreender que ensinar não é só transferir conhecimento mas exige do professor uma reflexão constante do que propõe e como o aluno processa se é significativo ou não. Perrenoud fala da importância de centrar o ensino já com uma compreensão de como será a avaliação, ou seja, é ter evidências de que a avaliação não será somente baseada em um só princípio mas observar dentro de uma totalidade do que realmente seja significativo para o aluno.

A avaliação não é, em princípio, um objetivo em si, mas um meio de verificar se os alunos adquiriram os conhecimentos visados. Recomenda-se, todavia, quando se ensina, ter uma idéia bastante precisa da maneira como se procedera para avaliar os conhecimentos, o que evita introduzir uma grande ruptura entre os conteúdos e as modalidades do ensino e as exigências no momento da avaliação. Levada ao extremo, essa correspondência torna-se uma perversão: o ensino apenas se define como a preparação a próxima prova. (PERRENOUD, ano 1999, p.72).

Desta forma, a avaliação da escrita deveria estar centrada em um processo contínuo de avaliação na qual pudesse buscar os caminhos que necessariamente devem ser

percorridos, para que desta forma, a avaliação se tornasse um instrumento de diagnóstico, formação, levando em consideração o desenvolvimento motor, cognitivo, objetivo e social do educando. Portanto, analisando o sentido de educar, que é formar, aprender e construir o próprio saber, a avaliação contempla dimensões muito mais amplas do que simplesmente a atribuição de notas.

3-AÇÃO E REFLEXÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA PARA COMPREENSÃO DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA.

O presente trabalho foi realizado em uma turma da segunda série em uma escola pública da rede municipal. No primeiro momento, o trabalho foi de observação, para obtenção de dados sobre a forma como a professora realizava, no cotidiano, práticas que envolvesse a linguagem escrita. O segundo momento foi de intervenção, com atividades de produção de texto, para observação de como os alunos desenvolvem a escrita, de forma que os alunos pudessem estar sempre em processo, que formulassem hipóteses sobre a escrita e não somente de forma mecânica. Esse modo de ensinar à escrita vem ocorrendo ao longo dos anos na educação, mesmo com um universo vasto de possibilidades de buscar caminhos para que o aluno tenha um domínio mais significativo da linguagem escrita.

No desenvolvimento do trabalho, observei fatores que deveriam ser considerados e que mudaram o caminho da pesquisa, pois a sala de aula é um universo complexo, considerando que ali se relacionam pessoas, que trazem consigo sua subjetividade, aspectos sociais e culturais.

As sessões de observação ocorreram no período de uma semana do dia (cinco de outubro a dez de novembro) intervenção dos dias (dezesesseis do mês de outubro de dois mil e sete ao dia vinte do mês de novembro de dois mil e sete) com dois encontros semanais. As observações se restringiram a uma semana, pois, conversando com a professora, decidimos começar logo as oficinas de produção já que o nível de indisciplina era muito grande e isso preocupava muito a professora. Resolvemos começar na tentativa de melhorar aquela situação.

É importante ressaltar que minha presença no início teve um grande impacto nos alunos, eles ficavam curiosos em saber o que eu estava fazendo, anotando, alguns tiveram uma certa aversão dizendo que não queriam e que não era para escrever nada, mas logo eles acostumaram com a minha presença.

Nas sessões de observação, a professora não teve preocupação nenhuma em mudar as práticas nas quais se baseava em práticas que, pela sociopsicolinguística e sociolinguística (Soares ,Braggio,1992) são consideradas como mecanicistas, pois utilizam métodos que não

dão ao aluno o significado da palavra em si. Ou seja, para a sociopsicolinguística, tais métodos não proporcionam ao aluno estabelecer relações, fazer deduções e interpretações. O ponto essencial da teoria sociopsicolinguística de aquisição da escrita é justamente a construção, a busca do significado, não unicamente a decodificação de letras, palavras isoladas, frases soltas, mas sim a escrita na sua forma plena, abrangendo os aspectos grafofônicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos¹.

As atividades que observei durante a semana eram mecânicas, centradas em tarefas no quadro de giz. Diante disso perguntei para a professora como ela utilizava as metodologias de escrita; ela comentou que não trabalhava com produções de textos (DC, p.x, ls xx).

Em contrapartida, a professora tinha consciência da importância de trabalhar a escrita de forma em que os alunos interagissem e aprendessem realmente. No entanto, não sabia como trabalhar a escrita, ou seja, ela não tinha uma compreensão de linguagem que fosse além da pura decodificação de letras. Geralmente, a formação de professores nega a compreensão da sociopsicolinguística para entender como o aluno vai processando a aquisição da escrita. Diante de tal situação, acredito que a formação do professor deveria encontrar condições sócio-pedagógicas para o ensino da linguagem escrita enquanto conhecimento múltiplo e assim fazer dela objeto de ensino privilegiado.

Entendo, como Vigotski (1995, p.64), que a escrita é um sistema complexo de símbolos e signos, e é assim que deveria ser ensinada. Desta forma, cabe aos professores a exigência do conhecimento profundo sobre este objeto cultural que é a escrita. Nesse sentido cabe compreender conceitos que explicam “a escrita como sistema”, “sistema de signos”: próprio conceito de signo, de criança, de aprendizagem, de ensino, dentre outros.

Outro fator que a professora enfrentava e que dificultava trabalhar novas práticas era a indisciplina dos alunos. A professora passava a maior parte do tempo chamando a atenção dos alunos. Para estes, a sala de aula parecia mais um universo que nada tinha a ver com seu mundo: as crianças não estabeleciam relação significativa entre a própria vida e as atividades e até mesmo com a escola. Tinham atitudes que dificultavam todo o processo, como por

¹ Segundo GOODMAN (apud BRAGGIO,1992,p.xx) o sistema grafônico é composto dos sistemas ortográficos, fonológico e fônico; o sistema sintático é aquele em que a gramática da língua é vista como sistema pela qual as unidades simbólicas podem representar significado, o sistema semântico é visto como o sistema pelo qual as unidades simbólicas podem representar significado, o sistema semântico é visto como um sistema completo (e não simplesmente um conjunto de palavras) pelo pessoal e social altamente complexos; a significação pragmática é sempre parcialmente textual e parcialmente contextual.

exemplo brigas constantes, falta de respeito com colegas e até mesmo com o professor, Observei que nos alunos faltavam valores que são muito importantes para uma convivência harmoniosa, a qual possibilitasse a todos uma aprendizagem significativa. Desta forma fica claro que é necessário repensar as práticas que sobretudo formem o professor para compreender este novo aluno que se faz presente que vive bombardeado por informações.

A escola precisa mudar o seu foco, precisa considerar este novo aluno que carece, ao mesmo tempo, de aprender a nova rotina, imprimir um novo ritmo sem desconsiderar o eu, conhecer os limites, e corresponder ao que esta sendo esperado dele naquele momento. (BARBOSA, ano, 2006 p. 67).

A professora entendia que algumas experiências que as crianças viviam cotidianamente influenciavam em seu comportamento. Por exemplo, algumas crianças eram filhos de pais separados, ou tinham pais que trabalhavam e não tinham tempo suficiente para os filhos e tudo isso, segundo a professora, influenciava no comportamento que demonstrava falta de limites, o que prejudicava toda a aula. Isto fica claro quando ela diz:

Eu entendo as crianças, elas vêm de um mundo difícil acho que por isso que tem essa dificuldade de aprender os pais trabalham e não tempo para ajudar, muitos vivem só com a mãe outros com avôs isso dificulta o processo de aprendizagem (DC,p.x, ls xx).

Nas próprias ações das crianças eu percebia uma assimilação dessa crença de que a falta de limites atrapalhava a aprendizagem. Por exemplo, alguns alunos, incomodados com a bagunça pediam para a professora passar atividade no quadro para os bagunceiros pararem. A atividade, para eles, não tinha um sentido a não ser para acabar com a bagunça, pois no momento que a professora escrevia havia uma certa concentração, mesmo tendo pouco significado. Poucos alunos entendiam o significado, escreviam por escrever, a prova disso é que muitos só copiavam do quadro, não se preocupando em responder a atividade. Dessa forma copiar a atividade do quadro se tornava mais como forma de punição, se transformava em castigo. Escrevendo, a bagunça diminuía, acreditavam alguns alunos, por isso pediam o tempo todo para a professora passar atividade no quadro: “Professora passa atividade no quadro que eles param a bagunça porque eu já terminei a minha tarefa.” (DC,p. ls xx).

Nota-se ai que a escrita não é vista de forma a ser usada em um contexto social na qual o aluno a utilize para ampliar sua autonomia, ou seja, a função social da língua é desvirtuada, sendo usada para a punição e não para o desenvolvimento da linguagem no seu sentido amplo na qual ajudasse o aluno a apropriar da linguagem.

Visto que a linguagem escrita pressupõe um ensino na qual tenha uma sistematização que exige formação e informação de qualidade, desejo, auto disciplina esforço intelectual, persistência, método tanto de quem propõe a ensinar quanto do aprendiz, ela não poderá ocorrer em uma escola que desconsidera o aluno como sujeito, que não dá condições necessárias para o professor entender como deve o aluno ir processando os conceitos lingüísticos. È entender que o aluno tem o seu próprio tempo e espaço e que neste tempo e espaço vai adquirindo habilidades, mas para se chegar a isso exige uma compreensão que vai além de métodos e regras. O novo aluno que foi se formando ao longo dos anos necessita ser compreendido dentro de uma totalidade mais significativa em que possa estar compreendendo a importância do conhecimento do aprender que ultrapassa as quatro paredes o quadro os conteúdos e os muros da escola.

Considerando os objetivos específicos deste trabalho, organizei os dados em categorias que foram: a) Relação professor aluno b) práticas utilizadas;c)Avaliação da produção textual. Na primeira categoria parti do principio de como aluno e professor se interagem para se chegar à aquisição da língua escrita e como em sala de aula esta relação vem se estabelecendo no sentido de estar contribuindo ou não para a aprendizagem da língua escrita. A segunda categoria foram às práticas utilizadas pelo professor na situação de produção de texto partindo do principio que as praticas são muito importante no processo de aquisição da linguagem escrita, pois, é por meio delas que acontece a aprendizagem. A terceira categoria baseia se nas questões avaliativas que o professor utiliza na sala de aula nas situações de produção textual, considerando que todo evento exige uma avaliação. Analisar esta categoria se tornou um pouco difícil, pois, não existia trabalho com produção textual para que a professora pudesse estar avaliando a escrita, dessa forma então procurei analisar como a mesma avaliava a escrita dos alunos, em que momento esta avaliação era realizada e o que a mesma esperava de seus alunos no sentido da escrita em si, o que para ela era avaliar escrita do aluno.

3.1 Relação professor aluno em uma perspectiva da aquisição da língua escrita.

Visto que as interações são muitos importantes na vida de toda pessoa e que nos tornamos sujeitos nas interação uns com os outros, e assim vai se instaurando por meio da

linguagem que nos possibilita a comunicação, mediatizados pelo diálogo, na qual é o meio que leva ao caminho da criticidade do entendimento de mundo que cada um traz consigo. Desta forma a escola é parte integrante desse processo quando ali convivem pessoas na busca do conhecimento e que esta busca se faz entre dois protagonistas o professor e o aluno, por isto se faz necessário uma relação pautadas no diálogo.

Neste sentido analisando a relação que havia entre professor e aluno na perspectiva da aquisição da linguagem escrita vi que era muito limitada, não havia um diálogo, a relação se fundamentava mais aos aspectos ligados a disciplina, pouco se via uma relação entre professor e aluno que viesse estabelecer uma aprendizagem significativa e principalmente envolvesse a linguagem escrita.

Sabe-se que a interação é muito importante neste processo, pois, tratando de linguagem exige que se estabeleça uma comunicação que favoreça a aprendizagem de forma que possa dar mais sentido para o aluno, ele deve saber que aprender linguagem é sobretudo, um aprimoramento da linguagem que traz consigo, e que o fator sócio interacional contribui muito para a aprendizagem.

O produto do trabalho de produção se oferece ao leitor, e nele se realiza a cada leitura, num processo dialógico cuja trama toma as pontas dos fios dos bordados tecido para tecer sempre o mesmo e outro bordado, pois as mãos que agora tecem trazem e traçam outra historia, Não são mãos amarradas — se o fossem, a leitura seria reconhecimento de sentidos e não produção de sentidos; não são mãos que produzem o seu bordado apenas com os fios que trazem nas veias de sua historia — se o fossem, a leitura seria um outro bordado que se sobrepõe ao bordado que se lê, ocultando-o, apagando-o substituindo-o. São mãos carregadas de fios, que retomam e tomam os fios que no se disse pelas estratégias de dizer se oferece para a tecedura do mesmo e outro bordado (GERALDI,ano, p. 166).

Neste sentido posso afirmar que não havia uma relação que viesse a contribuir de forma que os alunos pudessem construir hipóteses sobre a linguagem escrita dentro de um processo de interlocução entre aluno e professor. O que se via era uma relação que baseava-se nos textos que se encontravam nas cartilhas e nos livros. A professora sentia dificuldade em manter uma relação que não fosse somente aquela baseada na teoria mecanicista, pois, desconhecia estruturas que estão baseadas em uma teoria sócio construtivista e psicolinguística da linguagem escrita. Em contrapartida ela sabia que precisava mudar, mas,

não sabia como, mesmo assim esforçava para que eles aprendessem, o que faltava era uma orientação que ajudasse na sistematização de atividades que favorecesse a compreensão da aquisição da linguagem escrita que não fosse só copiar do quadro.

A discussão quanto à relação entre professor e aluno me remete a um dos pontos críticos fundamentais da pesquisa: até que ponto as atividades que estavam sendo desenvolvidas favorecia a aprendizagem da linguagem escrita de forma viva e dinâmica, em que tivesse uma interação permanente entre aluno e professor que abordasse questões sobre a linguagem, a descoberta, o sentido, ou seja, em que os alunos fossem realmente os sujeitos ativos no processo.

A interação que existia era somente sobre a explicação das atividades como por exemplo; “a interpretação de textos a explicação de algum conteúdo.”

Reportando-me às observações, cito uma situação de diálogo entre a professora e os alunos:

Professora: Abram os cadernos e comece a escrever. Escrevam a data, capriche na letra saltem uma linha para começar a escrever o texto.

Aluno: *Professora não tenho lápis.*

Professora: *Eu também não tenho lápis para te dar.*

Neste momento outros alunos também dizem que não tem lápis, mas, ficam por isso mesmo e continua a aula.

Depois da professora escrever, no quadro, um texto, questões para a interpretação desse texto, e exercícios para as crianças identificarem o feminino e o masculino, ela aguardava aqueles que não terminaram para começar a leitura. Enquanto isso, os alunos que tinham terminado levantavam, brincavam e até brigavam e naquele ambiente a aula se instaurava.

Professora: *Todos já terminaram? Então vamos começar a leitura.*

A professora iniciou a leitura junto com os alunos de forma que só alguns liam e outros continuavam conversando e brincando, parecia distantes eles falavam de outras coisas que nada tinha ver com o texto “Pão e mel” que a professora estava lendo com eles. É importante ressaltar que a professora não sabia como chamar a atenção deles e então ela continuava a aula mesmo naquele ambiente.

Professora: *Vamos responder agora o próximo exercício.*

O diminutivo de casa é:

Alunos: casinha

Professora: O diminutivo de carro é.

Alunos: carrinho

Assim continuava a aula com alguns respondendo, outros brincando sem saber ao certo porque aquilo era importante. A professora não mantinha um diálogo com os alunos não tinha uma interação que favorecesse a aprendizagem, as atividades eram totalmente mecânicas e conteudistas na qual é um dos fatores que dificulta em muitas situações a aprendizagem da língua escrita.

A relação entre professor e aluno não se estabelecia na função de conhecer o que, e como as crianças escrevem, para compreender quais conceitos as crianças faziam da escrita, mas uma relação somente em dizer o que estava certo ou errado em suas atividades que tirava do quadro. Todavia, no trabalho com as produções que tivemos, vi um comportamento diferente tanto do aluno como do professor a relação era mais pautada em um diálogo que favorecia de certa forma a construção de hipóteses sobre a escrita pois, os alunos ao se defrontar com a técnica de escrever sozinhos se via com a responsabilidade pensar analisar formalizar.

Vi logo isso na primeira produção de texto que fizemos na qual utilizamos um teatro de fantoche para iniciar a aula baseado no que iam fazer na produção de texto.

A aula iniciou com a apresentação de fantoche, com um personagem que se chamava Josefina e que contava quem era ela, pois a intenção era que os alunos se apresentassem dizendo seu nome, idade, o nome da escola, e o que mais gostava de fazer. Os alunos gostaram muito e tiveram uma interação de diálogo com o personagem, era como se o personagem fosse real. Eles ficavam atentos e conversavam com o personagem. Esta parte foi muito interessante Depois do

termino da apresentação foi a vez das crianças apresentarem conforme fez o personagem para em seguida fazer a produção.(Diário de campo,p.l.s.).

No momento da produção a reação dos alunos foi de que não sabiam escrever e ouvia frases do tipo “Tia não sei escrever”. Neste momento a relação professor e aluno se estabelecia, pois, foi necessário que tanto eu como a professora fizéssemos com que compreendessem que sabiam escrever sim e que era necessário pensar sobre tudo que aprenderam até aqui, sobre letras palavras e que não precisavam ter medo de escrever que pudessem escrever da sua maneira como eles pensam que seja a palavra. O interessante neste processo é que se estivesse sozinha com eles, não conseguiria fazer com que escrevessem, por mais que tivessem gostado da dinâmica que utilizei. Na hora da dificuldade foi à professora que eles procuraram, o que é natural já que estava ali só há duas semanas e a professora já há quase um ano, criando laços de companheirismo, afetividade e confiança. Só depois que a professora conversou com eles é que começaram escrever. Os alunos não se viam escrevendo sozinhos, esta técnica era nova para eles, sobretudo era necessário que houvesse uma interação de diálogo entre professor e aluno para que pudessem se sentir seguros na realização da atividade. Desta forma cito a conversa que a professora teve com eles para dar início à atividade da produção:

Crianças vocês sabem escrever sim... pensem nas palavras que vão utilizar e depois escrevam, pensem no som das palavras e aí então vai conseguir escrever não se preocupem se vão escrever certo ou errado só escrevam que eu a tia Semiris vai estar aqui para ajudar vocês, então vamos começar.(Diário de campo)

De repente, estavam todos escrevendo, mesmo com o problema da indisciplina que a professora enfrentava e isso dificultava os alunos a terem uma certa concentração que exige a produção de texto. Por não ser uma rotina diária muitos não se identificaram entendendo por saber que escrever não é fácil principalmente uma criança de sete a oito anos e não poderia exigir isso, já que acredito que a escrita é construída em um processo natural onde a criança sinta prazer em escrever. Às vezes ficava desapontada, mas ao mesmo tempo a professora me animava, dizendo que eles estavam produzindo e que ela estava feliz.

A linguagem escrita conforme estudiosos como Vygotsky promove o desenvolvimento das funções psicológicas superiores e a formação de conceitos Vygotsky (1993, 1995 p.183) e naquele momento foi isto que aconteceu. Os alunos foram pensando,

formulando, perguntando, mesmo que não fossem todos. Entendo que para alguns aquilo ainda não era significativo, já que o ritmo da aula era outro e até mesmo suas funções psicológicas ainda não estava acostumadas para pensar a escrita de forma que não fosse só copiar do quadro ou através de ditados de palavras. Para Vygotsky a formação de conceitos se diferencia de um modelo automático, apenas ouvindo aulas, vai muito além: exige dos sujeitos um autêntico ato do pensamento.

Diante disso, a relação entre professor e aluno deveria centrar-se na busca constante da compreensão do significado que os alunos constroem da língua ao estarem adquirindo esta habilidade. Implica, sobretudo, em entender que o domínio da língua escrita envolve a capacidade psicológica de estabelecer relações, fazer associações entre idéias, conhecimentos, inter- relacionar conceitos e signos.

A Relação que se mantinha não favorecia ao aluno a capacidade de pensar sobre a atividade e não havia ações discursivas sobre o que eles pensavam do mundo a sua volta o que eles viviam. Acredito que a relação entre professor e aluno é muito significativa neste processo, pois, mesmo usando técnicas que pelos estudiosos são mecanicistas as crianças aprendem, mesmo que não tenha significado, as mesmas não analisa se a professora esta ensinando certo ou errado e não deixa de ocorrer a aprendizagem Neste sentido analiso que esta Relação é mais importante do que qualquer outro tipo de relação que tiver na escola, é dela que nasce a aprendizagem seja significativa ou não e a aprendizagem só é concebida se o aluno manter uma afetividade para com o professor. Compreendendo o processo que a criança faz da aprendizagem cito uma fala da criança quando a mesma fala:

“Tia eu já sei escrever, todos os dias eu escrevo no meu caderno faço as lições que a professora passa no quadro a leitura as continhas os números mas, quando vou escrever sozinha eu fico confusa e não consigo escrever as palavras se não tiver alguém para me ajudar.(Diário de campo)

Nas observações pude perceber isto claramente quando falava das oficinas de produção e os mesmos respondiam que já sabiam escrever, mesmo quando se via no confronto de escrever sozinho as palavras, e ouvia dizer “Tia não sei escrever “ ou seja o entendimento que tinha de escrita era somente de copiar do quadro e o ditado de palavras, mesmo tendo o texto palavras que ouvia cotidianamente.

Desta forma é notável que uma criança que vive e age no mundo do conhecimento escrito, pode aprender desde cedo a refletir sobre o sistema de idéias e conceitos que a escrita representa fazendo os compreender que o mundo da escrita é um mundo de signos e símbolos, convenções sociais formuladas historicamente para a comunicação dos humanos.

A produção de texto é uma atividade expressiva e criativa que envolve reflexão constante. Esta reflexão é elemento importantíssimo para a verdadeira alfabetização de alguém.(GROSSI,ano1990, p.360)

No segundo encontro observei que a relação professor e aluno também era de suma importância para ajudar a criança na compreensão da aquisição da língua escrita.Neste dia trabalhamos a reescrita do texto que os alunos produziram escolhemos um dos textos que os alunos produziram e começamos a reescrever junto com eles, neste momento notei que a professora teve dificuldade em estar conduzindo um dialogo que fizesse os compreender a escrita, para ela também esta técnica era nova pelo motivo de não utilizar na sala de aula. A professora pediu que eu mesma conduzisse e então iniciamos a reescrita do texto achei que eles estavam participando, pois, pedi para que eles ditassem o texto e eu fosse escrevendo, neste intercambio houve uma interação de muita proximidade entre eu e eles. Pensávamos sobre a escrita juntos, entendi neste processo a importância da psicogênese para entender o processo cognitivo da criança as hipóteses que elas fazem na hora de pensar como se escreve e daí entender como Vigotski(ano,1998 p.112) a zona de desenvolvimento proximal em que os alunos se encontram e isto só ocorre quando o professor assume o papel de interventor, desafiador e mediador e provocador de situações que levam os alunos a aprenderem a aprender.

“...Comecei a reescrita do texto, construímos juntos o texto de acordo com o que foi proposto, com uma interação dialogica entre professor e aluno juntos eu e eles construímos o texto eles iam falando e eu escrevendo e explicando, repetindo as palavras que diziam e perguntando como se escrevia tal palavra.(Diário de campo).

No momento da reescrita via-se o ato do pensamento e da fala ao pensar como escrevia tal palavra, na estrutura do texto tudo isto podia ser notado neste momento, para fazelos chegar ao nível de desenvolvimento real e potencial que é capacidade da independência de

conseguir sozinho formular pensar e que para isto ocorrer não bastaria somente aquele momento e que também o processo da aquisição da língua escrita é um processo complexo que exige uma compreensão profunda e que muitas vezes nos professores não temos e nem compreendemos. Desta forma considerando o pensamento sobre desenvolvimento Vygotski enfatiza que:

A zona de desenvolvimento proximal provê psicólogos e educadores de um instrumento através do qual se pode entender o curso interno do desenvolvimento. Usando esse método podemos dar conta não somente dos ciclos e processos de maturação que já foram completados, como também daqueles processos de maturação que já foram completados, como também daqueles processos que estão em estado de formação ou seja, que estão apenas começando a amadurecer e a se desenvolver. Assim a zona de desenvolvimento proximal permite-nos delinear o futuro imediato da criança e seu estado dinâmico de desenvolvimento, propiciando o acesso não somente ao que já foi atingido através do desenvolvimento, como também aquilo que está em processo de maturação. (VYGOTSKI, ano 1998, p.113)

O aluno esta sempre buscando no professor uma explicação de acordo com o nível de desenvolvimento em que ele se encontra para assim chegar à aprendizagem significativa. O aluno não tem como avançar se não entendermos onde ele esta e se o professor deixa isto de lado com certeza não vai ter sucesso no desenvolvimento da criança.

A relação de dialogo nesta perspectiva contribui tanto para aluno como para o professor dentro de um contexto social na qual faça o aluno compreender a função social que a escrita exerce que aprendemos escrever para o uso em diversas situações sociais.

É, pois, dentro deste cenário que o homem, humanizado pela linguagem, toma consciência de si mesmo e de sua realidade, reflete sobre ela, transforma se e a transforma como sujeito e como agente sócio-historico. Característica especifica do homem e que o distingue dos outros animais, a consciência, sócio-historicamente constituída no coletivo, na cooperação, na ação é que lhe permite, pois, estar no mundo e com o mundo. Uma consciência tecida pela linguagem, pelo significado socialmente construído, base sobre o qual se exige o processo de comunicação entre os homens. (BRAGGIO, pg. 85).

Analisando então e fazendo uma analogia entre o pensamento de BRAGGIO que a linguagem é uma forma de humanização do sujeito e quando passamos a dominá-la nos tornamos sujeitos ativos e isto adquirimos dentro de uma concepção sócio interacional. Assim deveria ser o ensino da linguagem escrita, dentro de uma perspectiva de relação de proximidade com o aluno que vai além do simples ditar palavras, mas que envolva a criança em mundo do fazer se pensar, construir, exige um elo de comunicação que cria um momento discursivo do fazer se ouvir e compreender o que as crianças falam o que são importantes para ela diante do que esta sendo proposto. Neste sentido o professor deverá compreender a criança para assim ser o mediador nesta busca.

O momento em que o professor (a) faz o registro do texto produzido oralmente pelo aluno é bastante oportuno para ele refletir com as crianças sobre a linguagem escrita, tanto em relação a questões discursivas como a questões relacionadas ao sistema alfabético: enquanto escreve o aluno vai lendo ditando, ele (a) pode mostrar à turma certas relações grafofônicas, especialmente aquelas cujas relações entre fonema e letra são arbitrárias ou irregulares; pode propor pequenas alterações no texto, com vistas a melhorar, por exemplo, a estrutura textual; pode questionar o autor sobre o que deseja realmente dizer ao leitor, levando-o a completar frase(s), se necessário; ou, ainda, propor-lhe a substituição de palavras cujos significados não condizem com o contexto...(BRASIL ano 2006 pg 32).

Desta forma é necessário que o professor tenha uma postura de intermediação onde o aluno sinta prazer e participe da aula, traduzindo o que pensa, sente, através da escrita e assim elaborar e emergir através da mesma o seu mundo interno.

Analisando ainda a Relação e percebendo todo o contexto não poderia atribuí-lo somente ao campo da leitura e escrita, mas, em um sentido mais amplo olhando com um olhar que vai além das letras, textos, percebi que havia uma Relação entre professor e aluno de afetividade de confiança, os alunos gostavam da professora ela procurava entendê-los interpretando sua realidade a maneira como os mesmos viviam, ou seja, observava aspectos sociais que afetava consideravelmente o seu comportamento em sala sua aprendizagem. Eram crianças carentes em todos os sentidos de bens materiais, afeto, carinho, atenção. A professora entendia isto, mas, não sabia como ajudá-los no desenvolvimento da aprendizagem era como se não estivesse preparada para receber aqueles alunos.

Analisando a nossa escola atual vejo realmente que ainda não esta preparada para receber as crianças das classes populares, no sentido de manter uma aprendizagem significativa, procurar compreende-las já é suficiente não precisa que de a elas o direito de uma educação de qualidade. Via muito na fala da professora quando conversávamos frases do tipo “Eu entendo as crianças, pois, as mesmas são muitos carentes não há como ter uma melhor aprendizagem os pais não acompanham”.

Dentro dessa perspectiva, BRAGGIO (fala sobre o papel da escola diante dos aprendizes:”...a escola deve ajustar-se às crianças ao invés de ajustar as crianças as escolas, já que são as escolas que não estão preparadas para receber as crianças das classes e etnias menos privilegiadas”.(ano,p,61).

Dessa forma é necessário que a escola considere a realidade do aluno seu mundo, de onde vem, mas, sobretudo de a ele a oportunidade de aprender e não usar isto como motivo para não estar aprendendo pensar assim pode até excluí-lo do processo ensino aprendizagem é como chama-lo de incompetente.

Dentro de uma perspectiva sociolinguística e sóciointeracionista de linguagem deveria ser entendida dentro de um contexto social, considerando a linguagem que os alunos trazem consigo e daí partir a aprendizagem, não cabe a idéia de que estar no aluno à incapacidade de aprender, mas, sim buscar estratégias para que este aluno tenha uma aprendizagem mais significativa e isto requer estudos sistematizados para professores para entender este aluno, para oportunizar momentos na qual alcancem as habilidades que lhe serão úteis para formar um cidadão atuante.

Um ensino da língua materna comprometido com a luta contra as desigualdades sociais e econômicas reconhece, no quadro dessas relações entre escola e sociedade, o direito que tem as camadas populares de apropriar-se do dialeto de prestígio, e fixa-se como objetivo levar os alunos pertencentes a essas camadas a domina-lo, não para que se adaptem as exigências de uma sociedade que divide e discrimina, mas para que adquiram um instrumento fundamental para participação política e a luta contra desigualdades sociais. (SOARES, ano pg 78).

Neste sentido é necessário que se tenha uma compreensão de aspectos sociais e culturais em que a criança esta envolvido. O professor deve compreender que ensinar por meio da língua não envolve só técnicas, mas, uma compreensão de todo um contexto que envolve o aluno e que muitas vezes é denominação de discriminação, preconceito, e acima de

tudo um motivo para não aprendizagem. Professor trabalhando nessa perspectiva é ter um compromisso exatamente contra as discriminações e desigualdades sociais.

È na articulação desses conhecimentos produzidos por diferentes teorias, em diferentes campos __ Lingüística e sociolingüística, sociologia e sociologia da linguagem, Psicologia e Psicolingüística __, que se deve fundamentara um ensino da língua materna que se incorpore ao processo de transformações sociais, em direção a uma sociedade mais justa. (SOARES, ano, 1997 p. 79)

No entanto a relação professor e aluno para estabelecer uma aprendizagem da aquisição da língua escrita eficaz não é simplesmente culpa do professor, mas, de uma estrutura educacional que foi se formando ao longo dos anos onde ainda predomina técnicas para estabelecer a dominação de sujeitos, pois quando não dominamos a linguagem não temos a capacidade de ampliar dimensões da própria experiência social. Neste sentido a professora analisa da seguinte forma a dificuldade de se ensinar a linguagem escrita:

Sei que é preciso mudar o ensino da linguagem escrita mas, as vezes fico perdida como me relacionar com eles para a escrita avançar, acho que falta uma melhor compreensão desta pratica não é porque não quero é simplesmente por não saber conduzir o processo.(Diário de campo prof Maria).

Portanto esta relação não se fundamentará se não vier acompanhada da compreensão do sujeito em sua capacidade de aprender e mudar, assim como, de mudar para aprender e de mudar enquanto aprende de se desenvolver psicológico-emocional-socialmente.

[...]Educadores são como as velhas arvores.Possuem uma face, um nome, uma “estória” a ser contada. Habitam um mundo em que o que vale é a relação que os liga aos alunos, sendo que cada aluno é uma “entidade” sui generis, portador de um nome, também de uma “estória”, sofrendo tristezas e alimentado esperanças. E a educação é algo pra acontecer nesse espaço invisível e denso, que se estabelece a dois. Espaço artesanal.(Alves, ano,2000 p. 19).

Portanto para acontecer neste espaço é necessário que o professor sempre esteja em confronto com praticas estratégias que levem a criança a uma aprendizagem significativa e

que sobretudo, favoreça uma relação de proximidade na qual o mesmo se sinta um ser que também reflete e pensa.

Considerando a análise da relação entre professor e aluno especificamente na sala de aula que fiz a pesquisa considero que é necessário que o professor e toda escola reconheça o aluno como sujeito capaz de pensar construir conhecimento e que isto se faz em um processo dialógico comprometido em entender como o aluno pensa, formula e cria hipóteses para ir desenvolvendo a habilidade da escrita. Sobretudo é um caminho que precisa ser trilhado analisando aspectos psicológicos, sociais, culturais em que tanto professor como, o aluno, estejam envolvidos. Nesse sentido para tal compreensão é necessário praticas que favoreça uma relação que une professor e aluno na busca do conhecimento. Por isto considere importante analisar as praticas utilizadas em sala de aula nas situações de produção de texto na qual não poderia deixar de analisar, na tentativa de compreender o processo de como ocorria naquele espaço praticas voltadas para a aquisição da linguagem e como aluno e professor se confrontavam diante destas praticas.

3.2- Praticas de produção de texto: uma reflexão da teoria a ação do sujeito.

Analisando as praticas utilizada pela professora posso afirmar que a mesma vem sendo realizada baseadas em um modelo tradicional, ou seja, com o sentido mais restrito que se tem sobre a escrita.

Geralmente a forma como o professor trabalha a escrita na sala de aula constitui a concepção educativa e metodológica que permeou toda a sua formação educacional, suas experiências de vida e ideologia. Neste caso fica evidente que uma formação que prepara o professor para enfrentar os novos desafios e entender o processo da construção que o aluno faz da aquisição da escrita se torna muito importante, considerando que todo individuo tem suas particularidades e é um ser em desenvolvimento, a pratica de todo professor deveria centrar nesta compreensão na qual da oportunidade ao aluno de pensar, construir. Desta forma o PCN enfatiza a importância que a pratica de todo professor tem na aprendizagem do aluno.

“A prática de todo professor, mesmo de forma inconsciente, sempre pressupõe uma concepção de ensino e aprendizagem que determina sua compreensão dos papéis de professor e aluno, da metodologia, da função social da escola e dos conteúdos a serem trabalhados”(BRASIL,ano,1997. p,47).

As práticas são ações que levam o professor a acreditar em uma aprendizagem, neste sentido não poderia entender como a aprendizagem ocorria naquele espaço se não as analisasse de forma crítica construtiva visando uma compreensão dentro de uma totalidade que vai além da pura aquisição da escrita a análise abrangeu todo um contexto que fundamenta na formação histórica da educação em nosso país na qual dificulta romper paradigmas de uma educação ainda mecanicista.[...] Descobriu-se que a educação, como o tudo o mais, tem a ver com instituições, classes, grandes unidades regidas por leis e totalmente independentes dos sujeitos envolvidos. (ALVES, ano,2000, p. 23).

Ao analisar as práticas percebi que o que buscava era de um mundo complexo por não ser considerado pela própria estrutura educacional um meio de grande eficácia para termos uma educação de qualidade. O acesso à escrita em nossa sociedade aparece como um privilégio de classe, comprovado historicamente. A existência de um grande número de analfabetos, a ausência de bibliotecas populares, a ausência de uma política eficiente para a promoção de uma educação de qualidade, etc, são em verdade fatos bem “programados” pelo poder dominante – isto tudo porque no ato de conhecer esta o ato de pensar, agir ou seja fazer-se cidadão e colher subsídios para problemas sociais.

É muito difícil trabalhar novas práticas, pois, falta recursos a escola não possui nem uma biblioteca materiais são poucos as vezes a gente até quer fazer algo diferente mas desanimamos, outras vezes fazemos porque acreditamos em uma educação melhor e sabemos o quanto é importante uma educação de qualidade.(Diário de campo prof: Maria)

Analisando então as práticas da professora vi práticas na qual predominava modelos tradicionais do ensino da língua, não eram práticas baseadas na sociopsicolinguística. Diante das análises percebi que não há um trabalho sistematizado para estar trabalhando a linguagem escrita, a mesma só é trabalhada de forma mecanizada, na qual a criança só copia o que a professora escreve, e em muitas situações os mesmos não sabem nem a letra que estão

escrevendo, no entanto isto não é motivo para que ela não escreva, pois, ela sabe a forma das letras e isto é o suficiente para tirar do quadro o que a professora escreve, não importa se esta compreendendo ou não.

Professores e professoras, alunos e alunas seriam parceiros na conquista do conhecimento emancipador: o entusiasmo, a alegria de aprender, o sentido de partilha na descoberta, a curiosidade, seriam cultivados na relação pedagógica. “O professor tem o dever de “reviver” de “renascer” a cada momento de sua prática docente para que os conteúdos que ensina sejam algo vivo e não noções petrificadas.”(FREIRE 2000 pg 103).

Diante de tal situação analiso que as práticas ainda continuam sendo das escolas tradicionais na qual sustenta as maiorias das escolas, em relação à linguagem escrita posso afirmar que mesmo com grandes avanços e descobertas ainda continua nas salas de aula predominando os velhos modelos de aquisição da língua escrita, mesmo sendo criticados pela psicolinguística e sociopsicolinguística na qual acredita que a leitura e escrita não é um processo limitado, mas, uma busca de significado, o significado do contexto. O modelo ainda instaurado nas escolas desde cedo limita a criança a regras gramaticais que não tem significado nenhum para elas que não ajuda no processo da descoberta da linguagem escrita. Nesse sentido cito uma situação de atividade proposto pela professora:

Indique se as palavras são paroxítonas, oxítonas ou proparoxítonas. Tia não sei esta atividade é muito difícil, só sei quando a sílaba é a mais forte. Na palavra Café a sílaba mais forte é fé mas as outras eu não sei. (Aluno: Mario).

A criança ainda não compreendeu a aquisição da linguagem e já exigem dela que compreenda a gramática, ao invés de dedicar um tempo maior com leitura e escrita já que eles compreendem melhor, pois, tanto da leitura e escrita os alunos constroem hipóteses e aos poucos vão formando conceitos, sobretudo isto exige um tempo maior com atividades que propiciem estes momentos. De acordo com a autora BRAGGIO as atividades de leitura e escrita de forma que as crianças formulem hipóteses e ao incentiva-las a escrever como sabem desenvolvem todos os aspectos sintáticos, grafofônicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos. Nesse sentido fazendo uma crítica do ensino centrado na gramática Geraldini (ano 1997, p.121) “Não é a gramática abstrata, mas a vida em comum que nos deu uma língua comum. Ensinar a língua é ampliar a experiência do aluno com a nossa.

Esta indagação me faz pensar que é necessário urgentemente buscar compreender melhor como se dá o processo da aquisição da escrita nas crianças e o que vi foi uma professora que necessitava muito desta compreensão e práticas que favoreçam o seu trabalho. A professora acreditava no potencial de seus alunos e sabia que precisava haver uma mudança nos métodos, mas, não sabia como.

Em certas situações fico meio perdida sem saber ao certo como ensiná-lo. Noto a grande dificuldade que eles têm na escrita, muitos não sabem nem escrever frases. Os recursos que dispõem a escola são muito poucos. (Prof. Maria)

Diante disso é necessário que ela faça realmente um trabalho limitado onde só de espaço para as cartilhas, os livros didáticos, atividades do quadro. Portanto, isto exige uma compreensão que vai além dos conteúdos exigidos pela escola, exige um conhecimento de toda realidade que envolve o mundo do aluno e isto muitas vezes não é visto nas escolas, não sei ao certo o que acontece se é o fato de ignorar ou se falta preparação, o que sei é que isto não é trabalhado.

Neste sentido cito uma fala da professora quando a mesma diz:

“O professor se prende muito aos conteúdos e muitas vezes o conteúdo por si só não desenvolve as habilidades nas quais o aluno necessita, como por exemplo a escrita e a leitura, mas os currículos são uma exigência e devem ser abordados”. (Prof. Maria).

Analisando a fala da professora, pude observar que ela se preocupava muito com o conteúdo e não sabia como trabalhar novas práticas que favorecesse a aprendizagem da linguagem escrita. Observa-se então que as escolas ainda não romperam com velhos paradigmas, impossibilitando assim o professor a criar novas práticas que visem realmente o aprendizado de forma que possibilite o aluno fazer parte do processo, que suas vivências sejam consideradas, que o mesmo não só receba informações, mas, que sobretudo possa dar oportunidade a ele de criar, produzir ou seja pensar por si mesmo e assim ir se tornando sujeito ativo para atuar em uma sociedade.

Todavia nas minhas observações e analisando as Práticas utilizadas, pude perceber nas situações do desenvolvimento da escrita, que não há uma preocupação sistemática do acompanhamento do desenvolvimento da criança, ou seja, não há prática voltada especialmente para este fim, a escrita é algo que se baseia em exercícios repetitivos, as produções não fazem parte de uma rotina diária na qual seja um meio de estar avaliando o

processo de construção da escrita ao longo do ano. As produções só são feitas quando precisam de dar a nota para o aluno, e quando são feitas não tem muito sentido para o aluno, seus textos não voltam para sala de aula para uma análise sistemática para que os mesmos possam ir compreendendo a escrita com seus erros e acertos, dando os mesmos a possibilidade da construção de hipóteses.

Diante relato uma fala da professora em nossas conversas sobre as produções.

Não trabalho com produções, pois, os mesmos escrevem mal e quase não produzem, quando faço é somente na época de prova para dar nota. (Diário de campo,).

Em contrapartida aluno e professor criam laços que possibilita uma interatividade que vai além do adquirir a habilidade da escrita, mas, de uma proximidade de confiança no professor que é difícil outro que entra no teu território conseguir facilmente, a relação não se estabelece até que os mesmos passem a confiar, e mesmo que eles adquirem esta confiança sua professora será sempre a mais importante é ela que sabe mais e que faz tudo correto eles acostumam com suas praticas com a rotina da sala de aula e com a relação que vão estabelecendo.

Reportando-me as intervenções lembro-me que alguns alunos queriam mostrar o texto somente para a professora, pois, diziam que só ela entendia sua letra. Diante disso percebi que além das praticas está a relação entre professor e aluno que se estabelece em sala de aula esta interação é muito importante no momento da aplicação das praticas, se não houver uma interação de confiança a pratica não se estabelece e nem a aprendizagem. Neste sentido, Paulo Freire afirma que “a capacidade de compreender, entender e amar as crianças é absolutamente indispensável para a pratica pedagógica”(ano,2000,p.70).Sobretudo as duas devem andar juntas para que realmente se estabeleça uma aprendizagem significativa, não pode se compreender o aluno sem buscar a pratica que vai dar a ele a oportunidade de um melhor desenvolvimento em sua aprendizagem.

Voltando a análise do que me propus a pesquisar pude perceber que praticas que envolve o trabalho com produções exige uma sistematização de atividades constantes no, entanto isto não acontece, ainda se tem uma pratica sedimentada nas concepções reducionistas da linguagem escrita. A pratica se reduz a ditados de palavras e frases não há um processo dialógico na qual o trabalho com produção exige.

Pude perceber que o trabalho com textos é um trabalho artificial sem o menor significado para os alunos dessa forma bloqueia-se o desenvolvimento e a aprendizagem dos estudantes em aprender as coisas que ocorrem no mundo e que podem estar presentes na aquisição da linguagem escrita. Isto porque as pessoas aprendem ou buscam conhecer somente aquilo que de fato tem sentido para elas.

Em síntese, a leitura e a escrita são tratadas como a mera aquisição da técnica de ler e escrever, com ênfase no componente grafofônico da língua, como um fim em si mesmas, circunscritas às quatro paredes da sala de aula. São estes pressupostos que, aglutinados, vão dar embasamento à prática em sala de aula e aos materiais didáticos. Constituído-se nos métodos, e que vão ter sérias consequências sobre o professor e seus alunos, dentro e fora da sala de aula, ou seja, enquanto instrumentos/objetos do processo educativo e como homens no mundo em que atuam.(BRAGGIO. Ano,1995,Pg,11)

Outra questão importante a ser levantada é a presença marcante do livro didático em sala de aula como objeto titular de ensino sendo ele o único referencial teórico disponível vindo com seqüências de atividades na qual cabe aos alunos apenas copiar as respostas e não construir. É como se os alunos fossem incapazes de interpretar necessitando de um modelo a seguir.

Dessa forma é necessário que o professor busque outras formas oferecendo aos alunos uma diversidade de textos e atividades, no sentido de abranger, por um lado, uma grande variedade discursiva, e por outro, uma enorme variedade de tarefas para assim poder ir ao encontro dos diferentes estilos cognitivos presentes na sala de aula.

“(...) as mudanças necessárias para enfrentar sobre bases novas a alfabetização inicial...não se resolvem com um novo método de ensino, nem com novos materiais didáticos, é preciso mudar a prática utilizando-se de novas estratégias”.(FERREIRO,2000 pg 18).

Trabalhar novas práticas que envolva a linguagem em um sentido que envolva a criança naturalmente como afirma Vigotski (ano,1998,p.153) *.Que o segredo da escrita é preparar e organizar adequadamente essa transição natural.* Quando se usa novas estratégias na qual sejam vivenciadas pelo aluno, inseridas em situações comunicativas reais.

A forma de conceber o desenvolvimento da linguagem de forma natural para a criança favorece a autonomia, a descoberta do estilo individual de cada aluno, de leitura e escrita próprios.

Neste sentido cabe ao professor propiciar estes momentos com diferentes modos de trabalho didático com a leitura e a escrita, mas voltados para a descoberta individual do prazer de produzir, de extrair informações de um discurso.

O ensino da escrita, como observara Vigotski (ano,1998 p.183), pouco se tem baseado no desenvolvimento das necessidades psicológicas e culturais da criança. Em geral, a aprendizagem da escrita se faz a partir de um ensino cuja ênfase recai sobre o domínio de um habito motor em desenhar letras bem feitas, desconsiderando-se que, quando se trata de ler e escrever e, por conseguinte de aprender ler e escrever, isso não se faz com letras vazias mas, sim, acompanhado de significado que o sujeito vai fazendo ao longo do processo da aquisição da linguagem escrita.

Diante disso não cabe trabalhar a teoria empirista na qual está centrado o modelo das cartilhas das copias do ditado, pois, estas práticas não vê a aprendizagem que esta na capacidade do sujeito de compreender o processo, mas, de uma aprendizagem que esta fora do sujeito ou seja, como diz Paulo Freire “Educação bancaria” onde o sujeito só deposita esperando do aluno que a qualquer momento o mesmo compreendera o tanto de informações que foram depositadas sem ao menos compreender.

Nessa concepção o aprendiz é alguém que vai juntando informações. Ele aprende o ba, be, bi, bo, bu, depois o ma, me, mo, mu, e supõe-se que em algum momento, ao longo desse processo, tenha uma espécie de “estalo” e comece a perceber o que é que o ma, o me, o mi, o mo, e o um tem em comum. Acredita-se que ele seja capaz de aprender exatamente o que lhe ensinam e de ultrapassa um pouco isso, fazendo uma síntese a partir de uma determinada quantidade de informações. (Weisz, ano, 2001 pg 57).

Acredito então que só ira ter uma mudança quando o professor tiver consciência e uma formação que lhe de suporte para entender o processo da aquisição da escrita e uma inovação nas atividades que são desenvolvidas em sala de aula.

Analisando as praticas que utilizamos na situação de produção de texto pude observar sim um avanço, mas, sobretudo concordo com a professora quando diz que falta uma compreensão desta pratica, pois em muitas situações vi que a dificuldade de compreender a transição natural como diz Vigotski que a criança deve estabelecer em adquirir a habilidade da escrita, exige do professor um conhecimento maior sobre o assunto para ajudar as crianças no momento de suas reflexões a cerca da construção da escrita, pois nas praticas vi o quanto é fundamental um conhecimento mais profundo sobre a área da psicolinguística BRAGGIO e sociolinguística SOARES na qual nos da suporte para a compreensão da função da linguagem no seu sentido mais complexo.Falo isso porque nas praticas realizadas em sala sentíamos dificuldade em conduzir o processo com mais eficácia para um melhor desenvolvimento do aluno.

Neste sentido passo a analisar as praticas que utilizamos para efeito de compreensão de como aluno aceitou estas praticas e seu envolvimento com elas. Começo pela pratica que utilizamos cujo tema foi: “Meu animal preferido”.

Iniciamos a aula com um cartaz feito de dobraduras na qual tinha o formato de peixes e dos gatos.Muitos ficaram empolgados com os desenhos dos peixes e dos gatos aproveitamos para conversar com eles e irem me dizendo o que viam além dos peixes e dos gatos, desta foram eles começaram a ler a historia e dizer que os gatos queriam comer os peixes.

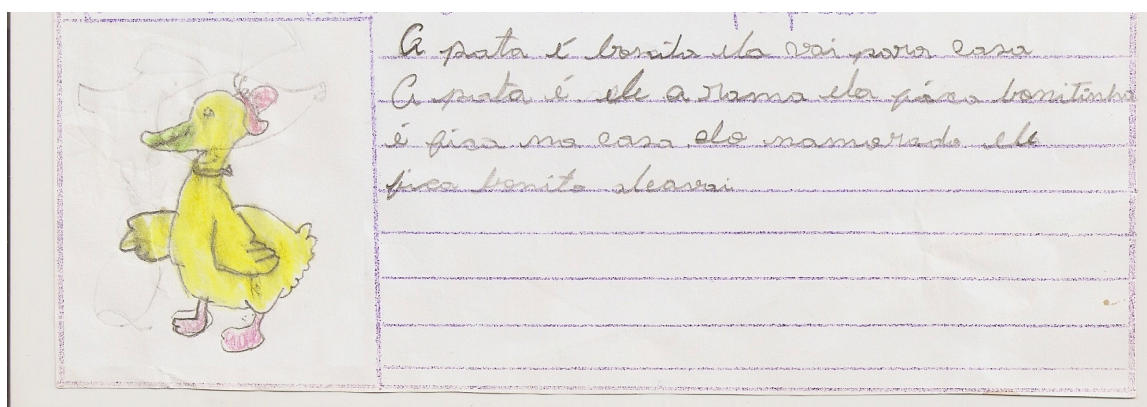
Notei que cada um lia as imagens de uma forma, uns utilizam todos os recursos visuais que o cartaz dispunha, outros só conseguiam ver o que mais era visível.

Depois da leitura, conversamos com eles sobre os animais, o que achavam dos animais, porque eram importantes e se tinham animais de estimação.

Todos disseram que sim. Continuamos a conversa dizendo que também tinha um animal de estimação e que iria contar como era este animal , comecei pelo nome, o que era, como era, o que alimentava, de que era coberto seu corpinho, onde morava, sua cor.Depois da explanação pedi para que eles fizessem o mesmo.

Eles ficaram muito empolgados e todos queriam falar ao mesmo tempo, houve um certo tumulto. Desta foram continuamos a aula mesmo no tumulto, pois de certa forma eles estavam interagindo com a atividade. Conseguimos que alguns alunos falassem do seu animal, alguns ficaram um pouco tímidos, outros se empolgaram ate demais,que quase não deixava o outro falar , pois, queria falar primeiro. Continuamos a aula, pois nosso objetivo era fazer com que eles escrevessem.Notei a interação com o texto, todos estavam escrevendo ou tentando, já que tinham algumas falas ainda do tipo “Tia não sei escrever”(Diário de campo).

Diante desta prática percebi que o aluno teve uma boa aceitação os alunos interagem com a atividade respondendo perguntando e passei a compreender alguns fatores importantes como por exemplo; O diálogo que teve entre professor e aluno na qual estabelecia uma interação que podia ser explorada em muitos aspectos ligados ao desenvolvimento da criança no que se refere à aspectos ligados ao psicológico, emocional e cognitivo, porém isso requer um entendimento para uma exploração mais profunda, pois víamos na fala da criança sua subjetividade ao falar do seu animal como por exemplo quando uma criança escreveu sobre seu animal como se ele agisse como um humano ela diz:



Analisando o texto no seu sentido de construção de idéias, no texto está explícito o que o aluno realmente queria escrever o que achava importante, ou seja, o que sua mente já formalizava sobre determinado assunto com certeza o sentido de beleza e até mesmo de namoro é algo que já faz um conceito para ela, o conceito de beleza se relaciona com namorado pois a aluna quer dizer é que a pata é bonita se arruma e vai para casa do namorado pois para ir para casa do namorado deve ir arrumada e bonita. Podemos ver que aqui está um modelo de texto e uma construção de idéias ela pensa formaliza e põe no papel do jeito dela da maneira dela como acredita que é a escrita. No texto deixa claro sua subjetividade quando fala de beleza e namoro.

A escrita aqui não é mecânica, mas, parte de um processo de construção de idéias, para se chegar a este texto a criança formulava hipóteses construía sentido, e dessa forma acontecia

à escrita à mesma via de certa forma a formação social que a escrita representa. Dentro desta perspectiva GERALDI afirma que:

Na produção de discursos, o sujeito articula, aqui e agora, um ponto de vista sobre o mundo que, vinculado a uma certa formação discursiva, dela não é decorrência mecânica, seu trabalho sendo mais do que mera reprodução: se fosse apenas isso, os discursos seriam sempre idênticos, independentemente de quem e para quem resultam.(GERALDI,ano,1997 p. 136).

A prática de produção de texto é uma oportunidade de estudar a língua através da língua ou seja, a capacidade de refletir sobre ela de forma que os sujeitos sejam parte deste processo considerando o que escrevem porque escrevem e para quem escreve. Todavia trabalhar nesta perspectiva exige uma compreensão sistemática da língua falo isso que só passei a considerar o que o aluno escreve e como escreve a partir do momento que passei a compreender um pouco de psicolinguística e sociolinguística na qual são duas áreas que considero importantíssimas neste processo.

Centrar o ensino na produção de texto é tomar a palavra do aluno como indicador dos caminhos que necessariamente deverão ser trilhados no aprofundamento quer da compreensão dos próprios fatos sobre os quais se fala quer dos modos (estratégias) pelos quais se fala. (GERALDI,ano 1997, pg 165).

Compreendemos isso nas práticas utilizadas é necessário que realmente faça isto, Tomar a palavra do aluno como indicador, é nesta perspectiva que o ensino da língua escrita deveria acontecer, no entanto se torna complexo quando não há uma sistematização de atividades para se trabalhar com a produção de texto, professor e aluno devem estar conectados, a escola deve trabalhar dentro desta perspectiva, pois, o trabalho com produção não devesse ocorrer de forma isolada, mas, sim em conjunto analisando reformulando junto com o aluno o que ele escreveu, e isto se torna difícil quando temos de obedecer um currículo. Notei que dentro desta perspectiva a prática se torna vazia e sem sentido é necessário valorizar o que o aluno escreve e voltar seu texto para o discurso.

Todavia e através das práticas observei que isto é muito difícil neste modelo de ensino que temos. “Centrar o ensino na produção de texto” como diz Geraldi (op.cit.ano,1998 p.165) requer realmente que o ensino da língua seja através das produções dos alunos e que

sobreponha este modelo de ensino da aquisição da língua escrita que está inserido e para acontecer isto requer rupturas de paradigmas instalados nas escolas que ao contrario do que deveria ser, sobrepõe ao ensino da aquisição da língua escrita de forma que o aluno seja ele mesmo o condutor de suas idéias seus pensamentos e daí ir compreender onde o aluno está, para buscar estratégias para um possível avanço.

Neste sentido Geraldi cita o escritor Mazzoti quando faz uma critica as escolas que temos hoje:

O que a escola cada vez mais oferece não são os processos do conhecimento mas, seus produtos já elaborados e na maioria já mutilados, defasados, desgastados. O ensino nas escolas para o povo, cada vez mais se torna reiterativo; não há lugar para pensar, criticar, elaborar, construir, criar, produzir. Não há tempo para isso. (MAZZOTI, apud GERALDI, 1986, p. 113).

Ver a escola neste modelo sugere que os professores abandonem a concepção de detentores do conhecimento e se abram para um mundo de dialogo reflexão e da construção da linguagem junto com o aluno.

Em cada pratica que realizávamos apesar de todas as dificuldades que enfrentávamos como por exemplo a indisciplina dos alunos a falta de um conhecimento mais profundo acerca da língua, descobríamos algo interessante sobre os alunos o que sabiam sobre o tema o que não sabiam, o que queriam saber os que não queria saber tudo isto era descoberto através da oralidade que tínhamos com eles antes de iniciar a produção, e no momento da produção uma interação dialógica entre professor e aluno para aquisição da língua escrita os alunos perguntavam como escreviam ou seja refletia sobre a língua. Pude perceber isto no dia em que trabalhamos o tema “Minha escola” que iniciou da seguinte forma:

A aula iniciou com uma conversa informal sobre a escola, verificando o que sabia de sua escola, todos participaram, ate com muita empolgação pois, todos queriam falar ao mesmo tempo. Nesta conversa notei que sabiam pouco sobre a escola, informações simples como estrutura física, localização, a rua enfim so sabiam o nome da escola. Diante disso achei interessante que a professora dessem estas informações para eles ficassem informados então ela passou a dizer o que sabia pois também não sabia todas as informações. Continuamos a aula fazendo a seguinte pergunta “O que mais gostava na sala de aula?”

Neste momento achei muito importante a fala de um garoto que era considerado um garoto problema na sala e até mesmo na escola pois todos conheciam sua fama. O garoto respondeu que o que mais gostava era a Tia Lucia coordenadora, a professora Cida. Enquanto outros alunos respondiam que o que mais gostava era a hora do recreio, e a parte da escola que mais gostava era a área, onde tinha mais espaço e muitas árvores. Notei também que poucos falaram que gostava da sala de aula. E a hora que mais gostava era a hora da merenda.

Continuamos a aula pedindo para que eles desenhassem a parte que mais gostava na sala de aula. Ficaram empolgados e começaram a desenhar mesmo tendo alguns que não se interessaram mas mesmo assim estavam desenhando. Observei que todos estavam desenhando a mesma coisa na qual era parte que brincavam na hora do recreio. Em seguida distribuímos a produção de texto ao se deparar com o texto alguns tiveram dificuldade pois, o texto vinha acompanhado de algumas perguntas para depois irem para a produção de texto. Via neles a vontade imensa de falar de sua escola no mesmo instante o mesmo receio de escrever pois para eles não sabiam escrever mas logo isto era superado e acostumavam com a idéia de escrever. A ajuda da professora foi importantíssima neste momento pois, os mesmos não dominavam a leitura para uma possível interpretação do que estava escrito. No momento da leitura os alunos pediram que a professora lesse ao invés de mim. Em seguida todos estavam escrevendo e a professora com uma participação ativa interagindo com as crianças...(Diário de campo).

Ao analisar este dia e os acontecimentos diante do processo até chegar a escrita não pude me conter ao analisar só os textos, mas, olhar dentro de uma amplitude maior que envolve subjetividade, afetividade e formação de idéias no que diz respeito à aquisição da escrita, inicio pela resposta do garoto quando diz que o que mais gostava na escola era da Coordenadora e a sua professora, fiquei a analisar a resposta do garoto e vi uma subjetividade espontânea que refletiu naquele garoto que era considerando o garoto mais indisciplinado da sala, algo teria de interessante que podia ser descoberto através daquela resposta, outro fator importante é o desenho que fizeram e que quase todos desenharam o mesmo lugar onde brincavam e tinham muitas árvores, aqui também nota-se a subjetividade e a característica do ser criança se sobressaia, pois criança gosta de liberdade e muita brincadeira só uma criança desenhou a sala de aula.

Analisando aquele dia e percebendo a forma simples de fazer uma aula nota-se ai que se valorizar o que o aluno diz, traz para a sala de aula um momento discursivo riquíssimo tanto para o aluno quanto para o professor. Como por exemplo nas produções de texto podemos descobrir o que achava de sua sala de aula e muitos disseram que a sala era muita bagunçeira um momento propicio para discutir com eles porque motivo a sala de aula era bagunçeira e ao que eles atribuía isto. Reportando-me ao campo da escrita via que nesta troca

os alunos se interagiam com a escrita de forma que não fosse só cópia, mas de uma forma de ação do pensamento. Desta forma concordo com Geraldí quando o mesmo enfatiza que:

Ao aprender a língua, aprende-se ao mesmo tempo outras coisas através dela: constrói-se uma imagem da realidade exterior e da própria realidade interior. Este é um processo social, pois, como vimos, é no sistema de referência que as expressões se tornam significativas. Ignora-las no ensino, ou deixar de ampliá-las no ensino, é reduzir não só o ensino a um formalismo inócuo. É Também reduzir a linguagem, destruindo sua característica fundamental: ser simbólica. (GERALDI, ano, 1997, p. 179).

Neste sentido compreende-se que a linguagem deve acontecer em um contexto social abrangendo aspectos ligados a cultura dos envolvidos no processo e dar significado ao que pensam escrevem e utilizar isto em função do educando para assim ir tendo domínio da língua escrita, ou seja, é colocá-lo em constante contato com o ato de escrever, mas, de forma que o aluno sinta prazer, pois, aprender a escrever e de um mundo complexo que exige um constante ato de reflexão sobre a linguagem. Digo isto ao encarar situações da criança não querer escrever por acreditar que não sabia, e via nela uma angústia por isto, pois, queria escrever e não sabia como, querendo até desistir de escrever fiquei a imaginar que a escrita não deve se imposta e que o trabalho com produção de texto deverá o cuidado de não afastar a criança mas, sobretudo de proximidade com a escrita.

Neste sentido cito uma fala de um aluno que ao deparar com texto disse:

“Tia não quero escrever sobre a minha escola e também não sei escrever eu não vou fazer esta tarefa quero que passa dever no quadro.
Aluna Maria. (Diário de campo).

Entendo que para a criança este modelo não era o mesmo que via todos os dias e por isto teve um certo receio, mas, parto do princípio do que a criança esta pensando naquele momento, de não ser capaz de escrever e por isto ao invés de se aproximar, se distancia por ser a escrita um sistema complexo e que exige um esforço psicológico por parte da criança. Percebi então que a escrita é realmente uma construção de sentido e que deve acontecer em

um processo permanente. Acredito como Luria quando observou em seus experimentos que a escrita é um processo que deve ser organizado e sistematizado.

[...] o segredo do ensino da linguagem escrita é preparar e organizar essa transição natural. Uma vez que ela é atingida, a criança passa a dominar o princípio da linguagem escrita, e resta então, simplesmente aperfeiçoar este método (LURIA, ano1995, p. 153).

Dessa forma entendo que mesmo que a escrita aconteça em um processo natural é necessário uma organização sistematizada de atividades que favoreça o aperfeiçoamento de forma que o aluno sinta prazer em estar escrevendo por isto devem ser atividades realmente preparadas e organizadas para não cair no reducionismo de que a criança está aprendendo quando não verdade não está. Por isto o trabalho com produção de texto deve ser pensado sistematicamente.

Analisando a terceira pratica vi que os alunos já estavam interagindo melhor estavam mais calmos e até mesmo se interagindo melhor comigo e com a professora. Observei também que alguns alunos que não queriam escrever estavam escrevendo por livre espontânea vontade, pois, não houve nenhuma chantagem nem por mim nem por parte da professora no sentido dos mesmos não fazerem a atividade deixamos eles a vontade. Nesta terceira pratica falamos sobre o seu brinquedo favorito suas brincadeiras na qual ficou assim desenvolvida.

Iniciamos a aula com a leitura do texto "Brincando" logo em seguida sobre o texto, o que ele estava dizendo, e o que mais gostaram no texto. Logo após conversamos sobre sua realidade, suas brincadeiras, seus brinquedos favoritos. Nesta hora fiquei um pouco desapontada e até triste, porque veio a fala de um coleguinha que dizia não ter brinquedo. Pensei então que não foi um bom tema, já que poderia os constranger.

Mas expliquei que brinquedo não é só aquele que compramos na loja, mas o que inventamos, também pode ser através da imaginação, ou mesmo no concreto. Então, lembrei a eles de alguns brinquedos, como a pipa, a gude, o carrinho de rolimã, bandeirinha, bola...

Notei a empolgação deles em falar de seu brinquedo ou brincadeira favorita. A dinâmica da atividade vinha com um caça palavras e em seguida desenhos de objetos para que eles construíssem frases a partir dos desenhos. Para que em outro momento escrevessem o texto pois, queria ver a diferença entre os mesmos partirem de um enunciado que já estava pronto para um que os mesmos ia ir construindo que no caso

é a produção de texto. Todos ficaram empolgados com o caça palavras em cada palavra que encontrava era um festa. Fizeram as frases construindo hipóteses sobre a escrita e isto era muito interessante o esforço deles em pensar de como escreve tal palavra. (Diário de campo).

Neste dia observei que gostaram muito do tema, mas, que alguns ficaram constrangidos em falar do seu brinquedo em decorrência da cultura dos brinquedos que a mídia oferece e por ser de uma classe que não pode possuir o brinquedo vi que as crianças são mesmo vítimas de uma sociedade que exclui e que elas mesmas se colocam nesta situação de discriminação por não ter ninguém para fazê-la entender uma outra situação que não seja a mostrada pela mídia.

O brinquedo que muitos queriam em muitas situações era o vídeo-game, o *Playstation*, a boneca da Barbie. Alguns diziam que nem brincavam que brincadeira era coisa do passado. Diante disso perguntei então o que eles faziam e me disseram que era namorar e que brincadeira era coisa do passado.

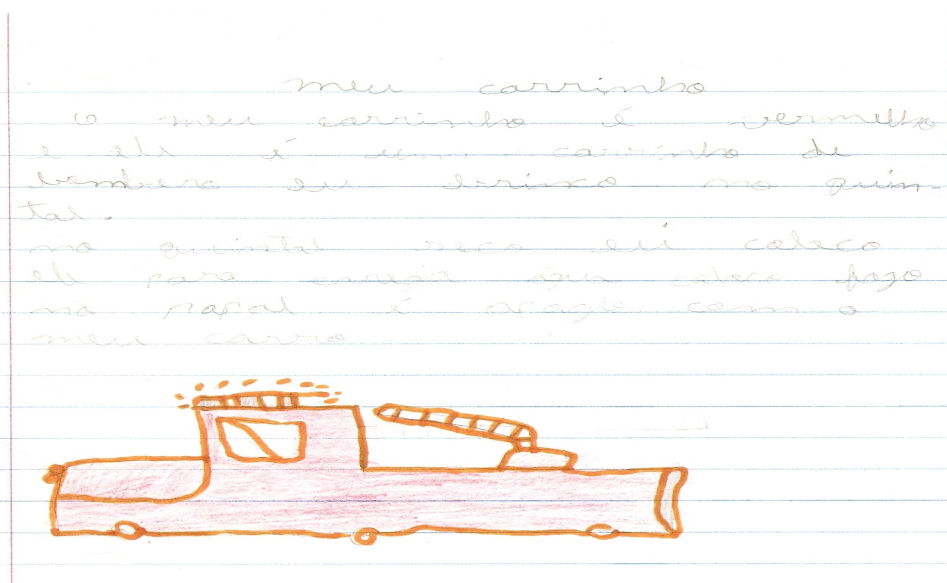
Aqui podemos fazer uma análise sócio-cultural devido as crianças verem o brinquedo favorito de acordo com uma cultura que foi se criando ao longo dos anos e o interessante é que isto foi descoberto através da linguagem, que dá a oportunidade das pessoas se comunicarem ou seja interagir com outras pessoas e daí pensar sobre o que pensa analisa formaliza. Falar da brincadeira e do brinquedo favorito abriu um leque de informações sobre o que pensavam as crianças sobre brinquedo e brincadeiras na qual poderia usar estas informações para mais descobertas e reflexões a cerca da temática.

Maria Lygia (apud ABAURRE, ano) destaca que na pesquisa a respeito da aquisição da linguagem é importante resgatar “a singularidade dos sujeitos”, ou seja, as diferenças individuais. Para isso é necessário abordar os fenômenos dentro de uma perspectiva sócio-histórica, enfocando o processo de constituição da escrita.

“Trabalhos no campo da aquisição da linguagem mais recente, por sua vez, abriram uma nova linha de pesquisa: em vez de priorizarem um sujeito universal, idealizado e situações experimentais controladas, com base em princípios piagetianos, passaram a incorporar, em seus estudos, os processos sócio-históricos e começaram a olhar com interesse os dados singulares do

sujeito estudado, em busca de indícios que permitissem uma melhor caracterização da relação sujeito-linguagem”.(p.25).

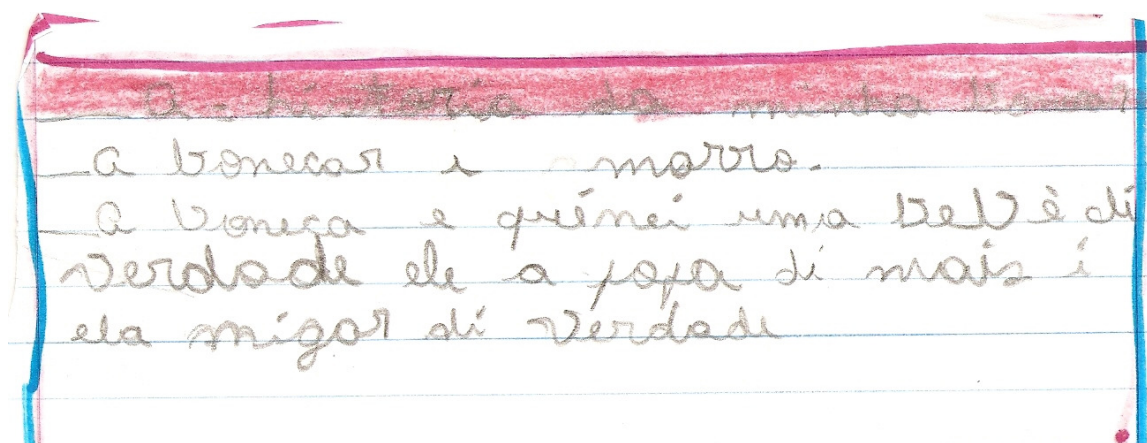
Tendo por base esta concepção a análise se fundamenta no histórico social e escolar dos alunos. Nas produções podemos perceber a singularidade de cada aluno, sua individualidade propiciando um melhor entendimento como o sujeito se relaciona com a linguagem. Como por exemplo o texto de Gabriel.



Analisando o texto podemos perceber que o aluno se relaciona com a linguagem de forma natural, é o seu pensamento interagindo com a escrita. Observa-se que o aluno já está alfabetizado, ele construiu um texto significativo no qual teve início, o desenvolvimento da história, e a finalização; porém centra na fala ao escrever por exemplo a palavra bombero ao invés de bombeiro.

O texto também demonstra a capacidade da criança de fazer relações, associações com o objeto dando vida ao objeto de acordo com o nome do brinquedo, ele cria uma situação de brincadeira que possibilita para ele, que a brincadeira é real. O carro de bombeiro serve para apagar por isto em suas brincadeira ele traz o real, o significado da palavra em si, do objeto para dentro do texto. Com estas operações, presentes em toda a ação de representar o mundo, o enunciador seleciona e organiza “ingredientes” através dos quais apresenta os objetos a que se refere. (GERALDI,ano 1997, p. 201).

Partindo do princípio de que o aluno já está alfabetizado e que já consegue escrever textos seguindo uma lógica de pensamento, conseguindo ordenar o texto, dando a ele uma compreensão tanto do produtor quanto do leitor a maioria dos alunos não conseguiam escrever organizando o seu pensamento. Mas não deixava de ter significado, o aluno consegue expressar seu pensamento mesmo que não seja de forma ordenada pois, ele só vai adquirir esta habilidade dando para ele a oportunidade de escrever cada vez mais usando seu pensamento. Para comparar os dois textos cito o texto de G.P quando a mesma fala do seu brinquedo, ela inicia o texto com o título “A historia da minha boneca”.



O texto apresentado se diferencia do outro em aspectos diferentes no sentido de termos uma variante padrão da língua. A aluna centra a escrita na fala, seu texto não vem com uma ordenação de pensamento das idéias. Sobretudo o texto tem um significado, no início do texto a mesma quer dizer que a boneca é amor e atribui a boneca a um bebê de verdade porque a mesma é fofo e amiga de verdade. A aluna deixa sua subjetividade vir à tona algo específico de criança, fala de amor que com certeza é um sentimento que sente e vivencia e diz ainda que a boneca é amiga de verdade acredito que por estar sempre brincando com a boneca. Nesse sentido Vigostki enfatiza que a escrita deve ter significado para a criança.

[...] a escrita deve ter significado para as crianças, de que uma necessidade intrínseca deve ser despertada nelas e a escrita deve ser incorporada a uma tarefa necessária e relevante para a vida. Só então poderemos estar certos de que ela se desenvolvera não como habito de mão e dedos, mas como uma forma nova e complexa de linguagem(VIGOSTSKI,ano,1998,p.156).

O texto nos mostra o ato do pensamento e da fala e a capacidade de criar da criança, de acordo com o que sente vivencia. De acordo com minhas análises a criança não produziria se não partisse do que ela conhece. Por isto as atividade devem ser sistematizadas organizadas para ajudar a criança no processo de aquisição da escrita.

Na concepção sobre a aquisição da linguagem, em oposição à noção de imitação proposta pelos behavioristas, Geraldí cita Chomski que ressalta o papel da criatividade.

A capacidade que as crianças tem de produzir e entender um numero indefinidamente grande de enunciados, com os quais não tiveram experiência anterior, dado o caráter produtivo das línguas humanas. Ou, seja, a capacidade de operar com a língua independentemente de estímulos, a qual se manifesta, todavia dentro dos limites estabelecidos pela produtividade do sistema lingüístico, regida por regras de adequação gramatical, cujas propriedades formais seriam características da estrutura da mente humana. (CHOMSKI.apud.GERALDI.ano 1997 p. 17)

E importante ressaltar que as crianças ao ver em confronto com a escrita dizia não saber escrever, mas, logo em seguida começavam a pensar sobre a escrita e num processo de construção de hipóteses o desenvolvimento da escrita se instaurava. Diante disso percebi que a mediação do professor é muito importante para ajudar o aluno a compreender suas hipóteses a cerca da escrita das palavras do sentido que vai dando ao texto.

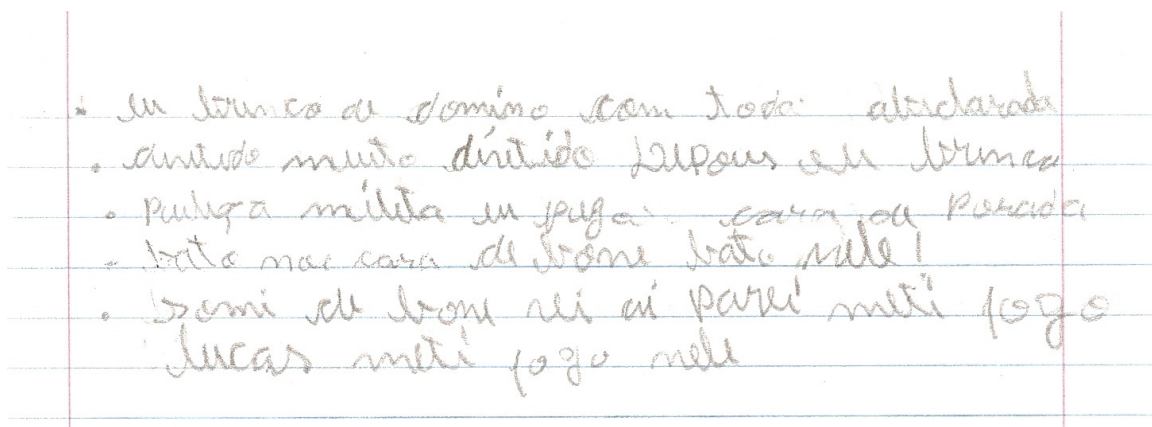
O papel da intervenção do professor é de suma importância por isto à atividade com produção de texto exige que aconteça em um processo discursivo e trazendo os textos das crianças para serem lidos analisados.

“..Quando uma criança entra na escola ainda não alfabetizada, tanto ela como o professor sabem que não saber ler nem escrever. Ao propor que se arrisquem a escrever do jeito que imagina, o que o professor na verdade esta propondo é uma atividade baseada na capacidade infantil de jogar, de fazer de conta. Num contato desse tipo — que reza que o aluno deve escrever pondo em jogo tudo o que sabe e pensa sobre a escrita — o professor deve usar tudo o que sabe sobre hipóteses que as crianças constroem a respeito da escrita para poder, interpreta o que o aluno escreveu, ajuda-lo a avançar. Dentro desse contrato, quem faz de conta é a

criança. Nesse espaço em que a criança escreve 'do seu jeito' o papel do professor é delicado. Mas é semelhante ao de alguém adulto que participa de uma brincadeira de faz de conta sem entrar nela. Ao professor cabe organizar a situação de aprendizagem de forma a oferecer a informação adequada. Sua função é observar a ação das crianças, acolher ou problematizar suas produções, intervindo sempre que achar que pode fazer a reflexão dos alunos sobre a escrita avançar". (BRASIL, v. 1rofa).

Desta forma o texto é um texto que deveria voltar para a sala de aula e discutir junto com os alunos fazendo-os a refletir sobre a escrita das palavras o que ele queria dizer e num momento discursivo entre professor e aluno estabelecer a compreensão da linguagem.

Outro texto que analisei é o texto que também fala das brincadeiras preferidas da criança na qual vem demonstrando outro tipo de texto e sua singularidade como sujeito o mesmo dizia:



O aluno fala de duas brincadeiras uma é o domino na qual ele deixa claro que é muito divertido e a outra usa exemplos de sua realidade para explorar o texto dizendo que gosta de brincar de policia militar e o mais preocupante neste aspecto é que o aluno deixa claro o que conhece sobre a policia, que é maltratar, matar, e que ele usa isto como meio de brincadeira com seus amigos. Desta forma cito Geraldí ao enfatizar que a leitura se integra ao processo de produção:

[...] para produzirem, precisam voltar-se para sua própria experiência (real ou imaginaria) para dela falarem: buscam e inspiram-se nela para extrair daí o que dizer. E ao dize-lo, desvendam as categorias (ou sistemas de referencia) em que

interpretam estas experiências, suas vidas. É destas interpretações que se podem tirar tópicos que, discutidos na sala de aula, demandam a busca de outras informações, de outros modos com que outros viram e vêem experiências semelhantes. É neste sentido que a leitura incide sobre “o que se tem a dizer” porque lendo a palavra do outro, posso descobrir nela outras formas de pensar que, contrapostas as minhas, poderão me levar a construção de novas formas, e assim sucessivamente.(GERALDI ano, 1997 p.171).

A produção se faz a partir do que o aluno conhece e partindo daí sua palavra deve ser entendida e compreendida para buscar outras informações a cerca do que foi lido e interpretando, ou seja, num processo de interlocução entre sujeitos que juntos poderão descobrir novas formas de ver o mundo, o meu ato de pensar sobre determinado assunto. E podemos fazer isto com as crianças sim, porque elas pensam refletem e um pensamento exclusivamente seu a cerca do que vive e vivencia.

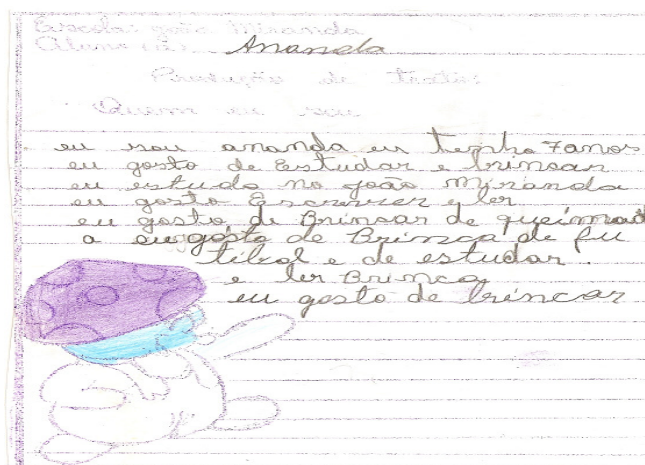
Outra questão a ser levantada a cerca do texto é no sentido estrutural da língua ou seja, a aquisição da linguagem como aluno se confrontam partindo do principio da construção da linguagem. O texto não vem com uma organização das idéias seu texto é confuso ele não conseguiu entender ainda que o processo da escrita exige uma organização do pensamento, mas é normal já que ele esta em processo de alfabetização e que a construção da escrita se baseia em processos mecânicos e seu mundo de leitura também é muito limitado não convivendo cotidianamente com outros tipos de leitura que não seja a dos livros didáticos nas quais predomina na maioria das escolas.

Somam-se ás atitudes mencionadas o habito de trabalhar com historias e inúmeros outros textos constroem-se textos , joga-se troca-se correspondência, fazem-se estudos do meio , desenha-se ditam-se historias ao professor , discute-se criticamente a realidade circundante. A linguagem do aluno, a sua cultura, o seu meio social são respeitados, sendo incorporados à instrução através da discussão oral, ou de atividades escritas. Respeita-se o nível de desenvolvimento do aluno como um *feedback* para instrução e para o próprio aluno.Trabalhas-se as áreas do currículo integradamente. A linguagem escrita e oferecida na sua plenitude, integrando-se seus aspectos grafofônicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos. O trabalho é feito individual e cooperativamente. Possibilita-se à criança sedimentar sua noção de que linguagem escrita é intrinsecamente funcional e que ao apoderar-

se dela, criticamente, a criança tem ao seu alcance uma ferramenta que, em nossa sociedade, atua como instrumento de poder (BRAGGIO, ano 1995 p. 80).

Dá ao aluno a oportunidade a diversidades de textos que tem em nossa sociedade, valorizar sua cultura o meio em que vive o aluno, assim deveria acontecer á aprendizagem da linguagem escrita principalmente nas classes menos favorecidas quebrando o mito de que essas crianças não produzem. O fato é que esses momentos não são oportunizados dessa forma, realmente não saberemos ate onde pode ir a criatividade do aluno.

Outro texto a ser analisado é o texto de R.N na qual vem descrevendo quem ela é, para o desenvolvimento deste texto primeiro houve um momento de interação entre professor e aluno com a dinâmica do teatro de fantoches que como já foi citado acima.



O texto de R.N é um texto significativo na qual vem obedecendo o que se pede, no entanto a aluna estar em processo de construção de sentidos e idéias a cerca da emissão de colocar no papel ela centra o seu texto em repetições do pronome eu afirmando seu pensamento. Nota se aí que a escrita fosse trabalhada cotidianamente a aluna teria conseguido já nesta etapa do ano conseguir compreender melhor a concepção de texto e já esta elaborando textos melhores com coerência, coesão.

Um texto deste modelo é muito importante voltar para a sala de aula para fazer sua reescrita e num processo de interlocução entre aluno e professor irem construindo o texto mostrando aos alunos de que forma poderia ficar melhor que não era necessário tanta

repetição do pronome *eu*, bastaria uma única vez no início do texto e em seguida ir organizando as idéias. Nota-se também a mistura de letras maiúsculas e minúsculas no texto e ela não compreendeu quando se usa letras minúsculas e maiúsculas mas um motivo do texto voltar para a sala e ir perguntando onde a aluna errou e assim junto com eles fazê-los compreender os mecanismos da escrita.

Desta forma é notável dizer que crianças também produzem com sua maneira particular de compreensão da língua, por isto estes momentos devem ser priorizados e sistematizados levando em consideração o mundo da criança que se envolve em um mundo de brincadeiras fantasias, imaginário por isto ensinar através das vivências dos alunos é levá-los ao caminho da aprendizagem.

Analisando as práticas que utilizamos pude perceber que mesmo sendo práticas em que considerou um único modelo de texto que foi o descritivo, visto a variedade de tipologia textual que existe no mundo da escrita, pude perceber que foram práticas que de certa forma os alunos interagiram, participaram e o mais importante desenvolveram seu pensamento articulando, pensando, formulando, e desta forma construindo a escrita de forma natural sem ser apenas cópia do quadro. Nas produções estava explícito a grande dificuldade das crianças escreverem e o quanto faz-se necessário mudar as práticas criar estratégias à cerca da aquisição da linguagem escrita dando um novo olhar um cuidado especial, para assim o sujeito ir apropriando da escrita de forma plena na qual possa usá-la no dia-dia sendo ela que a mesma representa em nossa sociedade.

3.3-Práticas avaliativas nas situações de produção de texto.

Nas análises de avaliação da escrita especificamente na sala que realizei a pesquisa se baseava em uma avaliação voltada em observar a escrita do aluno, ou seja, uma avaliação muito reducionista compreendendo toda a complexidade do processo da aquisição que a linguagem escrita apresenta. É necessário que a avaliação assuma uma dimensão formadora fundamental para a aprendizagem da língua escrita. A avaliação assumindo este papel é uma fonte de informação para formulação de práticas pedagógicas, uma vez que este modelo de avaliação da capacidade do registro e o acompanhamento feitos ao longo do processo

ajudam a compreender e descrever os desempenhos e as aprendizagens dos alunos, dando ênfase em progressões e nas demandas. As produções textuais realizadas na sala de aula são exatamente para critério avaliativo, elas não são utilizadas para efeito de diagnóstico, mas simplesmente para constar que se trabalha com produção e as mesmas são baseadas em atividades mimeografadas na qual consta um desenho para que o aluno desenvolva.

Não há um processo de interação de diálogo ao realizar a tarefa, os alunos escrevem e entregam para o professor, isto quando os mesmos fazem. Os textos não são analisados e não voltam para a sala de aula, para uma auto-correção reescrita, ou seja, em um processo de discussão-reflexão acerca do que eles escreveram, para irem descobrindo juntos o erro e daí ir construindo uma escrita na qual possa dar a eles o domínio desta habilidade. Nesta perspectiva, GERALDI afirma: Na escola os textos não são o produto de um trabalho discursivo, mas exercícios de descrição apenas para mostrar que aprendeu a escrever”.(ano,1997,p,48).

É complexo falar de avaliação de produção textual quando não tem um caráter de ajuda no processo de ensino-aprendizagem do aluno. A produção é vista como algo distante dos alunos devido compreender que alunos da 2ª série ainda não sabem escrever, dá a impressão de que os alunos não pensam, não refletem, ou seja, não considera a linguagem que trazem consigo.

A produção de textos ainda continua sendo para efeito de atribuir nota e não da valorização da escrita do aluno, mas não com o objetivo de transformar em informações úteis dos caminhos que necessariamente deverão ser percorridos no aprofundamento, quer da compreensão dos fatos que se fala, quer dos modos pelos quais se fala. Desta forma a avaliação deverá ser uma avaliação com uma função diagnóstica, processual, descritiva e qualitativa, capaz de indicar os níveis em que o aluno apresenta, suas dificuldades ao longo do processo.

Neste sentido é compreensível que a avaliação envolva sistemas mais abertos de avaliação, a serviço das orientações das aprendizagens dos alunos e não apenas como ainda é feito nas escolas devido a um modelo de avaliação que o sistema educacional exige na qual está voltado mais para uma avaliação burocrática dos registros dos resultados.

Não seria possível trabalhar a linguagem escrita dentro de uma visão psicolinguística quando se tem uma avaliação que apresenta um caráter classificatório, somativo, controlador, com objetivo de certificação ou de atendimento ao registro formal exigido pela instituição e pelo sistema quando a psicolinguística tem como ponto essencial a construção, a busca do significado.

A avaliação da aquisição da língua escrita exige do professor uma intervenção que considere o estado de aprendizagem em que o aluno apresenta para desta forma buscar estratégias para que o aluno avance. A avaliação deve acontecer em um processo contínuo considerando tudo o que o aluno pensa formula para aquisição da língua escrita, mas não no sentido de dar nota de correções de erros gramaticais na qual o enfoque maior está no sentido da linguagem padrão que a escola impõe. Desta forma Hoffmann coloca que:

Se o processo avaliativo implicar um olhar valorativo e investigador sobre as diferenças formas de ser e de pensar dos educadores e dos educandos, poderá ultrapassar o individualismo e gerar a cooperação e a interdisciplinaridade na produção do conhecimento escolar. A cooperação envolve o exercício da descentração, a coordenação da diversidade de pontos de vista para se ampliar o entendimento sobre realidade. A partir de diferentes jeitos de ser dos indivíduos é que se dá, de fato, a fluência da argumentação e contra-argumentação, a superação de enfoques absolutistas. Assim o diferente concebido como fecundo e positivo passa a encerrar a essência do processo educativo: o diálogo, a compreensão do outro, a solidariedade na produção do saber. O diferente do outro representando o desafio à convivência social, a confrontação de hipóteses, à consciência de argumentação para a produção do saber e a transformação da sociedade. (HOFFMAN, ano, 1998, pg. 27).

Desta forma é necessário uma relação entre professor e aluno de diálogo compreendendo todo os aspectos que envolve o aluno como afetivo, cognitivo e social na qual vai representar a individualidade de cada aluno como ele concebe a aprendizagem já que todos não aprendem da mesma forma cada um tem sua forma específica e deve ser considerada pelo professor.

Voltando para o campo das análises especificamente na sala onde fiz a pesquisa não se trabalhava produção de texto por isto ficou difícil avaliar as práticas do professor nas

situações de produção textual as avaliações eram mais voltadas para uma avaliação que evidenciava a letra da criança se era boa ou ruim ou se escrevia palavras corretas, ou seja, a avaliação se dava através de como o aluno tirava do quadro e ditados de palavras e raramente frases.

Nas conversas com a professora perguntei como era feita a avaliação da linguagem escrita e ela me respondeu da seguinte forma:

Não trabalho com produção de texto, só quando esta em época de prova para efeito de dar nota e partindo de sua produção dou a nota analiso se tem muitos erros ortográficos se esta de acordo com o que pedi e então dou a nota. Acho que não produzem bem eles não produzem nem frases direitas, (Prof Maria).

Desta forma nota-se aí uma visão que de acordo com um modelo construtivista de aprendizagem desconsidera todo o processo em que o aluno passa até chegar à compreensão e o mais grave no meu ponto de vista é não priorizar os momentos contínuos de aprendizagem da língua escrita para que o aluno possa ir aos poucos compreendendo o sistema linguístico e daí chegar até as habilidades da escrita.

Considerando que a professora não trabalhava e já que íamos trabalhar a intervenção com oficinas de produção de texto resolvemos analisar e compreender as hipóteses que os alunos iam fazendo na hora da construção do texto, pois, o tempo era curto para uma análise do avanço em que iam ter do início com trabalho de produções até o final considerando que para fazer uma pesquisa deste tipo demoraria um ano para termos essa compreensão.

Nas análises via que as crianças cada uma tinha um nível de escrita considerando os níveis que Ferreiro acredita que a criança passa até atingir a habilidade. No entanto notava também que conforme as crianças iam pensando sobre a escrita elas iam avançando já que a escrita não era cópia mas exigia dela um esforço psicológico que ajuda na compreensão.

Na segunda intervenção que fizemos lembro da fala da professora que dizia:

Nossa que bom eles estão fazendo eles não produziam nada, do jeito deles mas estão fazendo só vejo que eles ficam aflitos na hora de escrever a palavra que sentem dificuldade.(Prof Maria).

A professora a meu ver já fez uma análise diferente do que tinha de escrita quando ela diz que os alunos estão escrevendo do jeito deles mas estão escrevendo. Dessa forma ela passa a avaliar a produção do aluno com uma forma mais ampla mais significativa que não seja somente considerar se o aluno escreve certo ou errado.

[...] a avaliação feita pelo professor se fundamenta na fragmentação do processo ensino aprendizagem e na classificação das respostas de seus alunos e alunas, a partir de um padrão predeterminado, relacionando a diferença ao erro e a semelhança e a semelhança ao certo. (ESTEBAN, ano,2002 p. 14).

Voltando para as análises de como ocorria naquela sala de aula à avaliação da escrita posso afirmar que a avaliação se dava mais através de ditados de palavras e correção de caderno. Lembro-me de quando conversando com a professora sobre avaliação como a mesma avaliava a escrita dos alunos e disse que isto se dava mais no dia-a-dia observando seu caderno e de como tiravam do quadro. Nota-se aí que a mesma observava a letra do aluno e seus erros e acertos que não deixa de ser uma avaliação.

Diante disso podemos perceber que é necessária uma visão psico-sócio-linguística para compreensão de como o indivíduo se relaciona com a linguagem escrita fazendo com que o mesmo tenha uma visão sócio-cultural do desenvolvimento e função da linguagem, ou seja, as práticas deveriam proporcionar uma linguagem viva e dinâmica, e para o professor uma abordagem avaliativa que fosse sempre contínua, processual e formativa tanto para o aluno quanto para o professor, pois, o mesmo iria compreender o processo de forma que pudesse sempre fazer com que o aluno avance.

A avaliação como prática de investigação pressupõe a interrogação constante e se revela um instrumento importante para professores e professoras comprometidos com uma escola democrática. Compromisso esse que os coloca frequentemente diante de dilemas e exige que se tornem cada dia mais capazes de investigar sua própria prática para formular “respostas possíveis” aos problemas urgentes, entendendo que sempre podem ser aperfeiçoadas.(ESTEBAN, ano,2002 p..25).

A mesma conhecia a realidade dos alunos, mas, não sabia como trabalhar e trazer para dentro da sala de aula e explorar junto com eles, a compreensão da realidade em que vivia dava somente a entender que os mesmos eram assim, devido vir de uma realidade difícil, com isto a mesma estabelecia uma interação de afetividade, mas não uma relação de dialogo que favorecesse a compreensão.

Diante disso em relação o trabalho da aquisição da escrita se torna difícil na sala de aula, vindo em dimensão da sociopsicolinguística na qual quebra o paradigma de uma concepção mecanicista da linguagem, que tem a técnica em detrimento do significado, já que o mesmo fica em segundo plano culminando assim em uma formação que massifica ao vez de libertar.

Ao analisar as oficinas percebi o quanto os alunos precisam estar desenvolvendo a técnica de produção de texto e o quanto a mesma nos traz informações que podem estar ajudando o professor a ter uma relação mais significativa voltada para sua realidade, ao devolvermos a palavra ao aluno o mesmo sempre terá o que dizer, e nesta relação dialógica para se chegar a escrita podemos descobrir muitas coisas em relação á vida dos nossos alunos que nem se quer imaginamos e que será importante para entende-los e traçarmos metas para novas praticas que favoreça a aprendizagem.

Fazendo uma relação das produções que os mesmos fizeram com a aprendizagem deles percebi que a produção de texto pode estar contribuindo no sentido da mesma oportunizar situações que levem o aluno a usar sua criatividade imaginação, ou seja, o sujeito participa do processo não é uma tabula rasa que só recebe informações. A finalidade é que todos possam ampliar continuamente os conhecimentos que possuem, cada um no seu tempo, por seu caminho, com seus recursos, com a ajuda do coletivo.(ESTEBAN ano,2002pg. 24)

Nesta situação a avaliação em um modelo contínuo processual é muito importante, pois, consegue ter uma visão de como o aluno vai avançando no processo e ate mesmo analisar as praticas utilizadas que favoreçam ou não a aquisição da língua escrita .

Numa perspectiva mais ampla, a avaliação será contínua, visará a uma regulação interativa, ou seja, todas as relações professor-aluno serão avaliações que permitam adaptações do ensino e da aprendizagem. A finalidade será oferecer uma orientação

ao longo de todo o processo de aprendizagem, ao invés de atividades de recuperação *a posteriori*. (Clariza Prado de Souza ano,1991, pg, 67).

No entanto o que se vê é uma avaliação da escrita só para efeito de avaliar a escrita ortograficamente, não contribuindo para o domínio da escrita, já que este domínio é um processo na qual a criança vai adquirindo no dia-a-dia no cotidiano e não em uma única atividade somente para avaliação. Desta forma fica claro que o aluno não terá muito sucesso na escrita, pois, se é algo que não vivencia em uma pratica continua o mesmo não terá avanço. Notei que muitos alunos se preocupavam muito de como ia escrever tal palavra com medo de escrever errado já que tinha os ditados que a função era de corrigir as palavras mostrando ao aluno quantas acertou e quantas errou.

(...) O erro, especialmente no caso da aprendizagem, não deve ser fonte de castigo pois é um suporte para a compreensão, seja pela busca individual (na medida que pergunto como e por que errei), seja pela busca participativa (na medida que um outro – no caso da escola, o professor – discute com o aluno, apontando-lhe os desvios cometidos em relação ao padrão estabelecido). Assim o erro não é fonte de castigo mas suporte para o crescimento. **REFERÊNCIA**

Nas situações das produções houve muitas descobertas que exigia não só uma compreensão da linguagem no seu sentido fônico ou ortográfico, mas, de uma linguagem de mundo na qual os mesmos deixavam vi a tona sua subjetividade, e neste momento é de suma importância no sentido de estar compreendendo o porque daquela resposta ou o porque do seu texto.

Acredito que desta forma pode sim ocorrer uma melhor habilidade da língua escrita, pois, vi nos alunos uma interação significativa na qual demonstrava que os mesmos achavam interessante falar deles mesmos ou do seu brinquedo favorito, da sua escola, do seu animal de estimação, pois é algo que os mesmos vivenciam conhecem criando assim uma proximidade com a linguagem escrita. E isto acontece dentro de uma perspectiva de confronto de idéias, criatividade, de hipóteses tanto para aluno como para professor, o aluno como sujeito principal do processo, o professor como mediador tentando entender todo o processo de forma dialógica. Neste sentido cito uma fala de Freire quando diz que “A

relação dialógica se dá entre sujeitos mediatizados pelo conhecimento de mundo”
(Freire,1978, p. 53)

Neste momento é interessante que o professor esteja atento aos critérios avaliativos que vão ser utilizados nas situações de produção textual, pois, na prática textual a meu ver exige sobretudo uma avaliação que considere alguns aspectos que não estão vinculados somente a aquisição da escrita, mas, uma avaliação voltada para o conhecimento também que o aluno traz de mundo e como ele processa isto para viver em sociedade ou seja considerar todo o significado que o mesmo faz. Neste momento a relação professor aluno se torna muito importante o professor trazendo para a sala de aula o que o aluno queria dizer com aquelas palavras e o mesmo se defrontando com as idéias dos alunos com seus textos e num momento discursivo e dialógico dar ao aluno a oportunidade de pensar sobre sua escrita.

4. CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mencionei no início deste trabalho, o estudo que realizei visou compreender como aluno e professor se confrontam para a aquisição da linguagem escrita em uma série específica (2ª série). Para isso, foi levada em consideração a relação professor aluno, as práticas utilizadas, as avaliações realizadas acerca da aquisição da escrita.

Considerando o trabalho realizado dentro do contexto pesquisado, percebi que ainda há muitas lacunas no processo do ensino da linguagem escrita que ainda não foram preenchidas, mesmo tendo grandes descobertas. A linguagem escrita é um processo complexo que exige dos sujeitos envolvidos um constante ato do pensamento na qual envolva professor e aluno, o aluno sendo o sujeito principal do processo e o professor o mediador.

Portanto o problema está exatamente nesta mediação que exige do professor um conhecimento que não seja só dos livros didáticos, mas, que envolva toda uma totalidade de aspectos que façam compreender as relações que se fazem no ambiente da sala de aula; tais estas relações são muito importantes para uma aprendizagem significativa.

A aprendizagem da linguagem escrita envolve todo um mundo particular do indivíduo já que o mesmo ao se confrontar com a aprendizagem, formula hipóteses, pensa, analisa para assim ir adquirindo a habilidade. Todos nós podemos aprender a linguagem escrita, visto que ela faz parte de um processo sócio cultural histórico, pois, para se chegar a escrita que temos hoje foram várias descobertas e invenções. O que não temos é a habilidade da escrita de forma que favoreça a todos domínio significativo da linguagem escrita para que possamos utilizá-la em diferentes situações da vida social.

Desta forma, o trabalho abordou questões de como é trabalhada a escrita especificamente em uma sala de aula e como podemos fazer para que o aluno esteja sempre em contato com a escrita que não fosse só mecânica quando este modelo não traz possibilidade do sujeito adquirir a habilidade da escrita.

As questões observadas ao longo do trabalho evidenciam ainda a forte tendência de um ensino mecânico da linguagem escrita, porém tive um cuidado de não culpar especificamente a professora e ter um olhar para toda a totalidade que se insere o mundo da

escola. Por isto, minha análise vai muito além de simplesmente rotular o ensino da linguagem escrita como mecânico, mas teve um outro olhar, que envolve toda a estrutura do modelo de escola que foi se formando ao longo de todos esses anos. Não seria viável e nem ético falar simplesmente que a professora não trabalhava dentro de uma concepção construtivista e interacionista e culpá-la por ainda não romper com velhos paradigmas, sendo ela uma vítima da situação de descaso com a educação que existe em nosso país.

Diante disso gostaria de destacar pontos que dificultam o processo de um trabalho contínuo com a linguagem escrita. Um deles, que considero o mais importante, é o despreparo do professor na situação de compreender de como o aluno processa a aprendizagem, culminando, assim sempre em uma situação mecânica de aprendizagem: professor copia e alunos reproduzem. Mesmo com tanto avanço no campo da psicolinguística, a relação entre professor e aluno é muito limitada reduz a um mundo muito pequeno em relação ao mundo do aluno, é necessário que professor e toda a escola reconheça o aluno capaz de pensar construir, e que dê esta possibilidade a ele.

No entanto centrar o ensino em um processo dialógico permanente entre aluno e professor é compreender um mundo que envolve aspectos psicológicos, sociais, culturais e sociais que tanto professor como aluno estão envolvidos, e isto requer conhecimento que possibilite o professor compreender o aluno a cerca de suas ações, hipóteses, no processo de ensino aprendizagem, ou seja, conhecimento do humano, neste sentido é que deveria centrar a formação de professores uma formação dentro de uma visão psicológica que oriente o professor a compreender o aluno que veio se sentar nos bancos das escolas. A linguagem escrita sendo ela um processo, exige que o professor entenda as especificidades da língua para assim usar critérios que facilitem a abordagem da dificuldade do aluno.

Diante disso Faraco (2000) afirma que o professor precisa conhecer nosso sistema gráfico para poder melhor sistematizar seu ensino e compreender as dificuldades ortográficas de seus alunos, a fim de auxiliá-los a superá-las. (BARBOSA, ano,2006,p.104).

Desta forma é necessário que o professor conheça alguns conceitos de como desde do início o aluno vai processando esta habilidade e sua continuidade dentro de um processo vivo dinâmico como afirma Vygotski (ano,1987, p.153) é respeitar os conhecimentos que os alunos já trazem suas vivências, considerando que a formação de conceitos começa na infância e se desenvolve durante toda sua vida escolar e não escolar. Uma criança que vive e

age no mundo da comunicação e do conhecimento escrito, pode aprender desde cedo a refletir sobre o sistema de idéias que a escrita representa. Sendo assim, não caberia um ensino baseado em métodos tradicionais, que se afastam do meio vivo, voltando-se especificamente para os objetivos próprios da escola.

Observei, nas práticas de produção, que ao participar de práticas discursivas, a criança encontra oportunidade de compreender, aprender que o mundo da escrita é um mundo de signos e símbolos, convenções sociais formuladas historicamente para a comunicação dos humanos.

Desta forma, acredito que deveria existir uma formação de professores que, além de contemplar, nos seus objetivos, o desenvolvimento de capacidades lingüísticas-textuais, deveria ter em vista o desenvolvimento de capacidades psicológicas superiores (raciocínio lógico, desenvolvimento da memória, atenção, pensamento) para assim contribuir para a elevação do domínio, pelos professores, de formas e estratégias de pensar.

Outra mudança significativa que observei foi o diálogo que se instaurava antes dos alunos começarem a escrever sobre o texto; os alunos mantiveram um diálogo significativo acerca do assunto que estava sendo tratado. Mantinha-se ali uma troca de conhecimentos, o aluno com o seu conhecimento de mundo e o professor absorvendo isto para ajudá-lo no processo da aprendizagem.

É muito importante que o professor provoque estas situações de diálogo nas quais permita ao aluno a experiência de argumentar e opinar. Desta forma, o professor estará valorizando o que pensa o aluno e ele não será mais um ser passivo, mas, passa agora a ser um sujeito atuante, interativo e isto acontece através do diálogo. Freire (1986, p.14) afirma que: “O diálogo pertence à natureza do ser humano, enquanto ser de comunicação. O diálogo sela o ato de aprender, que nunca é individual, embora tenha uma dimensão individual”.

O diálogo, em todas as situações, foi o grande facilitador das nossas intervenções no sentido das crianças produzirem seus textos. Se antes não mantivéssemos uma conversa informal, a ação dos sujeitos não aconteceria. Foi preciso uma dinâmica acerca do que iam produzir, foi necessário um diálogo permanente, já que os alunos não estavam habituados a escrever pensando, formulando e criando.

Em contrapartida, houve um problema em acompanhar as crianças no seu desenvolvimento devido à turma ter um grande número de alunos e uma indisciplina que já era característica deles já que já eram acostumados com aquele mundo. Sabemos que o processo da escrita é um processo de construção de sentidos (GERALDI, 1989), e que exige um ensino sistemático, interativo e dialógico entre professor e aluno. Desta forma, o professor precisa compreender a evolução da escrita das crianças para ser capaz de compreender e explicar o processo particular da criança em relação ao processo de aprendizagem. Isto requer uma sistematização contínua das atividades e um acompanhamento sistemático individual de cada criança. Em nossas intervenções isto não foi possível porque não dispúnhamos de tempo, suficiente para um acompanhamento sistemático.

E necessário, como diz Geraldi (op. cit.), que o ensino se centre em produção textual. Pude observar o quanto os alunos têm para dizer, pois a criança que escreve é um ser no mundo e, para interpretar a comunicação e efetivar o processo, precisa traduzir e interpretar o que vê, ouve, medita sobre, para conhecer e encontrar sentido.

É neste cenário de interpretações que o professor deve estar atento para ajudar o aluno no processo, sendo ele o mediador, uma vez que o aluno concentra todas os seus anseios no professor. Ao se confrontar com a escrita, ele está sempre perguntando sobre a escrita das palavras, nunca sobre o que vão escrever, isto eles já sabem, mesmo que ainda não consigam organizar as idéias. Por isto, acredito que estas atividades devem ser contínuas, para os alunos irem paulatinamente organizando seu pensamento e assim descobrindo o sentido da verdadeira escrita, que é para um interlocutor e que precisa ser entendida.

Desta forma, cabe às escolas compreender como está ainda centrado o ensino da língua escrita e se engajar em práticas voltadas para este fim. Devem superar a forma isolada na qual só alguns professores fazem e outros não. O professor não seria o único responsável pela mudança, já que a escola envolve toda uma estrutura educacional que deveria formar um cidadão atuante e participativo.

.....

No decorrer do trabalho, vivemos muitas situações que envolviam sentimentos e reflexões acerca do que estava sendo pesquisado. As crianças, com sua característica natural de ser espontâneas, nos remetiam a fazer uma análise que vai além da aquisição da escrita,

mas de um mundo que envolve a criança. Principalmente naquela sala onde as crianças precisavam de um atendimento especial considerando o comportamento indisciplinado que ali se instaurava. Às vezes, tanto eu como a professora pensávamos que não íamos conseguir que interagissem com a atividade proposta e ficávamos apreensivas, sem saber ao certo como elas iam reagir.

Tivemos dificuldade também em situações em que as crianças faziam suas reflexões e por desconhecer alguns fundamentos lingüísticos e psicolingüísticos ficávamos inseguras na situação de compreender porque a criança elaborava tal hipótese e como fazer para avançar. O trabalho não demonstra a volta dos textos para a sala devido esta situação dispor de muito tempo e já estava no final do ano já para começar as avaliações que é de praxe e poderia atrapalhar o trabalho com os conteúdos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. Campinas, SP: Papyrus 2000.
Artes Médicas, 1985.
Artes Medicas. 1992

BARBOSA, Laura Monte Serrat. *Psicopedagogia: um dialogo entre a psicopedagogia e a educação*. Curitiba: Bolsa nacional do livro, 2006.

BRAGGIO, Silvia Lucia Bigonjal, *Leitura e alfabetização: da concepção mecanicista à sociopsicolinguística*. Porto Alegre:

BRASIL

BRASIL, ministério da Educação e do desporto, *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília, 1997.

ESTEBAN, Maria Teresa, *Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos*. Rio de Janeiro DP&A, 2002.

FERREIRO, Emilia & TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre:

FERREIRO, Emilia. *Reflexões sobre a alfabetização*. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo:

GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. São Paulo:

GROSSI, Ester Pillar. *Didática do nível alfabético* – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOFFMAN, Jussara Maria Leren. *Pontos e contrapontos: do pensar ao agir em avaliação*. Porto Alegre 1998
Martins Fontes. 1997
Paz e Terra. 1996

PERRENOUD, Philippe. *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artes Medicas Sul 1999.

Data: 16/10/2007

Escola Municipal de Ensino Fundamental João Miranda

Alunos entram a sala e começam a arrumar a sala junto com a professora, colocando as cadeiras nos devidos lugares.

As crianças chegam bem agitadas e para acalmá-las a professora começa logo a escrever no quadro. A matéria é de Língua Portuguesa; no quadro constava:

- O cabeçalho;
- Disciplina: Língua Portuguesa;
- Texto: O Sapo Caçador.

Neste intervalo nota-se nas crianças uma certa dose de indisciplina, mas, mesmo assim a professora prossegue com suas atividades, que seria a leitura coletiva com os alunos.

A leitura inicia mesmo com eles agitados, alguns liam, outros nem prestavam atenção, conversando muito.

Depois da leitura, contínua com a atividade no quadro:

- Entendendo o texto;
- Separação de sílabas.

Neste primeiro dia concluí que falta uma interação entre professor e aluno.

Os alunos já são mecanizados a fazer um rotina diária sem entender o processo da aprendizagem, falta um diálogo que, acredito que seria importante para a compreensão do sentido de aprendizagem.

A professora sente uma dificuldade enorme em estar controlando a turma, a ansiedade que trazem consigo é tamanha que o espaço escolar não tem muito significado.

Fiquei muito preocupada se vou conseguir, pois os mesmos já têm uma rotina diária, minha preocupação è: Como será a aceitação dessas crianças se já estão acostumadas com um ritmo de aula. Seria possível a intervenção?

Data: 17/10/2007

Disciplina: Língua Portuguesa

Texto: Leitura, pão e mel

Alunos copiam, lêem e fazem a interpretação de texto.

Neste dia eles estavam mais agitados, brigavam, corriam pela sala e saíam da sala.

Tudo ao redor tinha sentido, seus colegas, as conversas sobre o que tinha acontecido no dia anterior, menos a atividade do quadro.

Confesso que não estava me sentindo bem, observando.

Desta forma, ajudei a professora a controlá-los, sem saber ao certo como: pois aquele espaço de aula, eu, nos meus quatro anos de profissão desconhecia eram alunos que desconhecia limites, respeito, ou seja era uma sala que necessita de um atendimento especial.

As crianças escreviam por escrever liam por ler não tinham interação nenhuma com o que estavam fazendo o que notei era a vontade de terminar logo para brincarem e ou seja não se posso chamar aquelas atitudes de brincadeiras.

Fiquei a imaginar a situação da professora, como conseguiu ficar com eles desta forma, pois já estamos no final do ano.

E a aprendizagem como aprendizagem ocorre naquele espaço. Há aprendizagem? Mas uma vez dúvidas?

- Entendê-los, mudá-los seria um pouco difícil, já que não sou a professora deles.
- O tempo é pouco, já estão nas provas finais.
- O tempo de pesquisa não pode atrapalhar o ritmo das aulas.

Diante disso fiquei a imaginar como posso trabalhar a produção de texto já que eles não tinha costume diário com este tipo de atividade, pois, entendo que trabalhar com produção de texto exige um certo tipo de interação de compreensão por parte do aluno e do professor para juntos irem construindo o processo na qual naquele espaço não poderia acontecer.

Continuando a observar que alguns alunos ficavam meio de lado, pois, a professora passava maior parte do tempo chamando atenção dos alunos que não paravam quietos ela não tinha muito tempo para ter um diálogo com o aluno que sentia dificuldade.

Desta forma termina a aula de Língua portuguesa e todos foram para o recreio, chamei então a professora para conversar e notei nela uma certa aflição em relação as crianças para quebrar o gelo logo perguntei se a minha presença estava atrapalhando ela disse que “não” que eles eram assim mesmo e que já tinha e tem enfrentado algumas situações difícil com aqueles alunos e que já tinha tentando metodologia diferentes mas nada os fazia mudar e que

a aprendizagem ali acontecia muito pouco. Percebi então que ela tinha noção do que estava ocorrendo ela só sentia um pouco perdida sem saber ao certo de como conduzir e fazer com que eles avançassem na aprendizagem.

Desta forma perguntei o que mais ela sentia dificuldade na sala de aula e ela me respondeu que era o controle da turma ou seja ela não sabia como fazer para que eles prestassem atenção interagisse com a atividade, pois a mesma gostaria que eles aprendessem de forma real mesmo sabendo que eles já tinham avançado mas sabia também que eles podem ir muito além dos conteúdos.

Ela falou também que muitas vezes o professor se prende muito aos conteúdos e que muitas vezes o conteúdo por si só não desenvolve as habilidades nas quais o aluno necessita como por exemplo a escrita a leitura, mas que os currículos e é uma exigência que eles sejam abordados.

Desta forma perguntei a ela como poderíamos estar desenvolvendo a produção de texto na sala e me disse que eles quase não produzem que os mesmos só produzem mais frases que escrevem muito mal, mas, que gosta muito da idéia de se trabalhar com produção e que o desenvolvimento poderíamos estar desenvolvendo juntas.

Assim termina o primeiro dia de observação com uma sensação de medo, insegurança será que vamos conseguir?

Data: 18/10/2007

A aula inicia novamente não tendo muita diferença dos dois dias anteriores.

Neste dia fiquei ajudando os alunos a resolverem a atividade, muitos eram resistentes à minha ajuda, pois queriam só a professora deles.

Outros gostavam da minha ajuda, e pude observar como estava o nível de aprendizagem.

Observei também que eles criam laços muito fortes naquele espaço da sala de aula e se outro invade o espaço, eles criam uma certa resistência.

Mas voltando mais para o meu tema, nestes três dias pude perceber que a gramática se sobressai, que eles escrevem mecanicamente, ou seja, o que já está pronto.

Não há uma relação de interação com a escrita, onde ele possa ir construindo hipóteses.

A realidade deles não é trabalhada na sala de aula, pois a professora tem dificuldade de estar conduzindo este diálogo.

Notei também que alguns alunos querem terminar logo a tarefa para sair da sala, beber água, ir ao banheiro.

Data: 19/10/2007

A aula inicia com a disciplina Matemática, que aborda os conteúdos da adição, subtração, multiplicação, com as atividades:

- Escreva os nomes dos números;
- Resolva as operações.

Notei neste dia que eles tinham uma interação bem melhor com a Matemática, mas o comportamento deles continuava o mesmo, e a professora com a mesma dificuldade para interagir com eles de forma que crie laços de respeito, limites.

As atividades são feitas por eles, mas de forma mecânica, não é algo que tem significado, que eles possam relacioná-las com sua vida, é tudo muito distante do que eles vivem.

Diante disto, decidi que não queria mais só observar, mas sim começar com a intervenção, já que pude notar que aquela realidade não iria mudar, vi uma situação meio que constrangedora diante da professora.

Portanto, ao finalizar a aula, conversamos sobre a oficina de produção de texto, ela gostou da idéia e mostrou interesse em ajudar no que fosse preciso, e que os alunos ainda não conseguiam escrever textos, mas somente frases, e que seria muito bom se os mesmos desenvolvessem a escrita.

Expus minhas idéias e como gostaria que acontecesse o processo.

Deixei claro que não estava para mudar, mas sim que estava fazendo uma pesquisa para compreender como a produção de texto pode ajudar o aluno a desenvolver a escrita e como este processo deve acontecer na sala de aula.

Conversamos sobre a aprendizagem dos alunos e ela foi bem sincera e disse: “que deixa muito a desejar, pois, o comportamento deles dificulta este processo”.

Diante disto, marcamos os dias das oficinas.

Ela marcou dois dias na semana, na segunda e quarta, e combinamos que já na próxima segunda começaria, decidimos juntas o plano de aula.

PLANO DE AULA

PRODUÇÃO DE TEXTO

TEMA: “Quem sou eu”

OBJETIVO

- Compreender o processo da aquisição da escrita através da produção de texto.

METODOLOGIA

- A metodologia utilizada será através de teatro com fantoche, música, produção de texto de acordo com as apresentações.

RECURSOS MATERIAIS

- Caixa de papel, papel 40 k, pincel, fantoche, cartolina, papel ofício, micro-system, bola e cd.

RECURSOS HUMANOS

- Alunos;
- Professores.

Data: 22/10/2007

A aula iniciou com a apresentação do teatro de fantoche, com um personagem que se chamava Margarida Josefina e que contava quem era ela, pois a intenção era que os alunos se apresentassem dizendo seu nome, idade, o nome da escola, a série e o que mais gosta de fazer.

Os alunos gostaram muito e tiveram uma interação de diálogo com o personagem, era como se o personagem fosse real. Eles ficavam atentos e conversavam com o personagem. Esta parte foi muito interessante.

Depois do término da apresentação foi a vez das crianças se apresentarem conforme o personagem fez.

Neste momento usei uma dinâmica da bola, na qual a bola ia passando de mão-a-mão enquanto a música tocava, quando a música parasse, a pessoa que estivesse com a bola iria se apresentar.

No entanto, a dinâmica não teve muito sucesso, pois alguns alunos empolgaram muito com a bola e a música, e ficou muito difícil para conduzir a dinâmica.

Diante disto, pedi para que eles se sentassem e conversei com eles da importância daquele momento, se eles tinham gostado, todos disseram que gostaram e o que mais gostou foi dos fantoches.

Antes de entregar para eles a atividade, conversei com eles como deveria ser, pedindo para que eles escrevessem sobre eles conforme o personagem fez.

Alguns tiveram resistência, dizendo que não sabia escrever, outros começaram a escrever, tendo uma interação com a atividade, pois eles perguntavam quando tinham dúvida ao escrever certa palavra.

Notei a confiança que eles têm com a professora, pois eles queriam mostrar o seu texto somente para a professora, afirmando que ela entendia sua letra.

A atividade foi realizada mesmo com certo grau de indisciplina, que são próprios deles, mas mesmo assim deu para perceber uma interação com a atividade.

A professora gostou também e ajudou muito na realização da tarefa, sentando com eles, conversando e ajudando eles irem construindo hipóteses de como se escrevia certa palavra.

2º Dia

A próxima aula iniciei com a música na qual incentiva a coordenação motora.

Depois teve um diálogo sobre seus textos, parabenizei todos que fizeram a produção e os estimei dizendo que estavam bons e que leríamos outros textos.

Em seguida, comecei a reescrita do texto, construímos juntos o texto de acordo com o que foi proposto, com uma interação dialógica entre professor e aluno juntos eu e eles construímos o texto eles iam falando e eu ia escrevendo explicando, repetindo as palavras que eles diziam perguntando como escrevia tal palavra. Eles são tão acostumados a escreverem o que está no quadro que muitos queriam escrever junto comigo, então expliquei que era melhor que terminássemos o texto primeiro para que depois eles escrevessem.

Depois que todos escreveram passei para leitura coletiva, onde pude notar que eles pela série tinham dificuldade na leitura, muitos liam com dificuldade, tendo dificuldade de conduzir pedir a professora que desse continuação pois, a mesma já tinha costume de ler com eles e sabia melhor do que eu conduzir a atividade.¹

Neste dia, pude observar que eles estavam mais calmos, estavam interagindo, fiquei mais feliz e passei a acreditar que poderia ocorrer ali uma mudança significativa.

A professora também estava mais confiante.

Talvez consigamos fazer os compreender o espaço escolar, seu significado, que aquele espaço é um espaço de aprendizagem, mas também da alegria, da brincadeira, mas tudo à sua hora.

Fiquei feliz neste dia pois notei que a atividade teve um significado a professora também ficou feliz e ficou surpresa com seus textinhos.

3º Dia

TEMA: “Meu animal preferido”

OBJETIVO

- Compreender o processo da aquisição da escrita através da produção de texto.

METODOLOGIA

- A metodologia utilizada foi através de cartazes feitos de dobraduras na qual tinha os formatos de peixes e gatos e um cartaz de um texto: “O Bicho”.

RECURSOS MATERIAIS

- Papel 40 k, pincel atômico, lápis, papel ofício, mimeógrafo, lápis de cor e lápis de cera.

RECURSOS HUMANOS

- Alunos;
- Professores.

Iniciamos a aula conversando com eles, mostrando os cartazes e perguntando o que estavam vendo.

Muitos ficaram empolgados com os desenhos dos peixes e dos gatos, e então aproveitei para conversar com eles e irem me dizendo o que eles viam além dos peixes e dos gatos, desta forma eles começaram a ler a história e dizer que os gatos queriam comer os peixes.

Notei que cada um lia as imagens de uma forma, uns utilizam todos os recursos visuais que o cartaz dispunha, outros só conseguiam ver o que mais era visível.

Depois desta leitura e da leitura do texto, conversei com eles sobre os animais, e o que achavam dos animais, porque eles eram importantes e se tinham animais de estimação.

Todos disseram que sim; continuei a conversa dizendo que também tinha um animal de estimação e que iria contar como era este animal, comecei pelo nome, o que era, como era, o que alimentava, de que era coberto seu corpinho, onde morava, sua cor.

Depois da minha explanação, pedi que eles fizessem o mesmo.

Eles ficaram muito empolgados e todos queriam falar ao mesmo tempo, houve um certo tumulto neste momento, me deixando um pouco angustiada, mas logo percebi que eles estavam empolgados para falar e como não era de costume, um diálogo entre eles era normal eles agirem daquela forma, não seria eu quem iria mudá-los ou exigir um comportamento que não eram acostumados, pois precisava ganhar a confiança deles.

Desta forma, continuei com a atividade mesmo no tumulto, pois de certa forma eles estavam interagindo com a atividade e isto me interessa muito.

Conseguimos que alguns alunos falassem do seu animal, alguns ficaram um pouco tímidos, outros se empolgaram até demais, que quase não deixava o outro falar, pois queria falar primeiro.

Expliquei a importância de ouvir o coleguinha e que temos que respeitar a vez de cada um.

Depois passei para a leitura do texto junto com eles. Notei que não houve interação nenhuma com o texto e fiquei um pouco desapontada.

Mesmo assim, continuei a aula, pois meu objetivo era fazer com que eles escrevessem sobre seu animal de estimação.

Distribui junto com a professora a atividade da produção.

Notei a interação com o texto, todos estavam escrevendo ou tentando, já que tinham algumas falas do tipo: “não sei escrever”. O interessante é que todos escreviam no quadro, mas neste momento, eles já não sabiam escrever mais; achavam difícil.

Eu e a professora conservamos com eles e falamos que sabiam escrever sim e que aquele momento era o momento de aprender, e que podiam escrever do jeito que eles soubessem.

Diante desta dificuldade, houve muitas perguntas de como se escrevia tal palavra, e aproveitava o momento para ajudá-los irem construindo hipóteses e assim descobrir como se escreve tal palavra. Alguns só com a repetição que fazia da palavra, conseguia escrever.

Chegou a hora do recreio, todos entregaram o texto. A professora me anima dizendo que está tendo resultados, eles estavam construindo, da forma deles, mas estava, e isto era muito importante.

Então, comecei a refletir e percebi que aquela interação já era muito importante, mesmo tendo algumas situações inesperadas, onde é necessária uma certa dose de paciência e compreensão, pois aquelas crianças necessitam não só de aprender a escrever e a ler, mas de uma vida mais digna, onde possam ser valorizadas, ouvidas e amadas.

Neste momento, pensei que estivesse exigindo muito deles, já que são desprovidas de certos valores que enriquecem o ser humano.

Olhando para eles, perguntando, fazendo mesmo que fosse do jeito deles, mesmo ouvindo: “Tia, não sei escrever”, é muito gratificante, pois na mesma hora lá estavam eles com o seu lápis escrevendo, tentando, descobrindo, enfim, construindo a escrita.

Percebi que a escrita pode sim ser construída e aquelas crianças tem muito o que dizer, e que mesmo sendo de escolas públicas, elas podem sim aprender, valorizando o que sabem e o que está mais próximo delas.

Mais uma vez acredito que o ensino vem transformando nossas crianças em meras reprodutoras, não valorizando o que pensam.

Portanto, estou descobrindo que é possível uma interação entre professor e aluno, de forma que o professor considere e valorize a escrita do aluno para assim transformar em informações úteis dos caminhos que necessariamente deverão ser percorridos no aprofundamento, quer da compreensão dos fatos que se fala, quer dos modos pelos quais se fala.

Diante disso, FRANCHI acredita que a linguagem é mudada constantemente pelo sujeito que sobre ela atua:

[...] A linguagem é ela mesmo um trabalho pelo qual histórica, social e culturalmente o homem organiza e dá forma às suas experiências. Nela se produz do modo mais admirável o processo dialético entre o que resulta da atividade do sujeito na constituição dos sistemas lingüísticos.

4º Dia

Neste dia iniciei a aula com uma poesia que se chama “O buraco do Tatu”. Pedi a eles da maneira que eu fosse falando eles fossem repetindo.

É importante lembrar que recitava a poesia com gestos. Fiquei surpresa como gostaram, eles recitavam junto comigo, faziam os gestos, era incrível a interação deles, via em

seus olhos um brilho, eles simplesmente amaram a poesia. E tal para minha surpresa, ouvi em um coro só: “Repete de novo”.

Repetimos de novo com mais entusiasmo e alegria. Adorei!

O segundo momento foi a reescrita do texto que fizemos na aula anterior: “Meu animal de estimação”.

Neste momento, notei a interação deles, percebi também que a mediação da professora é importante para que eles possam ir compreendendo o significado de um texto, a organização, estrutura.

Diante disso, Geraldini afirma algo que se concretiza, que um texto por mais banal, por mais ingênuo que possa parecer, para produzir um texto é necessário: “Se tenha o que dizer; se tenha para quem dizer; o locutor se constitua como tal; enquanto sujeito que diz; se escolham as estratégias para realizar”.

A produção de texto se insere no momento em que a criança se vê em situação que a mesma conhece, vive a sua realidade, pois ela tem a oportunidade de dizer algo que faz parte de sua vida. A criança atua como sujeito principal do processo, ela não está apenas reproduzindo, mas construindo, partindo de suas idéias, suas hipóteses.

Diante disso, a interação entre professor e aluno deve ser de tal forma que ambos possam se debruçar sobre algo que conhecem, compartilham, para assim ter um diálogo de análise, de compreensão, de condição exploratória sobre vários aspectos que influenciam na construção do conhecimento, sobretudo, a construção da escrita.

Percebe-se que o desenvolvimento da escrita através da produção de texto só ocorre quando há uma mediação do professor, o aluno não assumirá como sujeito do processo se não houver uma interação. E a mesma deve estar pautada em estratégias que possibilitem ao aluno uma interação reflexiva.

Portanto, o trabalho com aprendizes da linguagem escrita que pude perceber, deve acontecer no processo discursivo, tal como realiza-se na aprendizagem da linguagem oral. É necessário que as situações de ensino-aprendizagem da língua escrita sejam verdadeiras atividades de linguagem, atentando para o significado que os alunos fazem dessa linguagem.

No entanto, isto só acontece quando dá oportunidade para o aluno, quanto mais o processo de aprendizagem for visto de acordo com a realidade, considerando suas idéias.

A oportunidade de escrever quando ainda não sabe, permite que a criança confronte hipóteses sobre a escrita e pense como ela se organiza, o que representa, para que serve.

Diante disso, o professor deve intervir, ajudando os alunos a escreverem cada vez melhor em todos os aspectos, ou seja, auxiliando-os, fazendo questionamentos significativos durante a execução de alguma atividade na qual possa ajudar o aluno a refletir e construir conhecimento, dessa forma ele progredirá em sua aprendizagem.

Neste sentido, o PROFA ressalta que:

Quando a criança tem a oportunidade de exercer escrita segundo suas idéias, de por em jogo o que pensa sobre a escrita, com frequência vai se aproximando pouco a pouco da fonetização da escrita. Porque ao contrário do que se imaginava, fonetização da escrita não é fruto de um estalo e sim de uma longa e laboriosa construção. (PROFA, volume 1).

Neste sentido, penso que as crianças perdem muito com atividades mecanicistas, com a gramática que, para eles, até o momento de imaturidade não faz sentido.

5º Encontro

Plano de aula

Tema: Minha Escola

Objetivo: Compreender o processo da aquisição da escrita através da produção de texto.

Metodologia: A metodologia utilizada foi através de conversa informal sobre sua escola, visita nas dependências da escola, desenhos sobre sua escola.

Recursos materiais: papel ofício, lápis de cor, cartolina, pincel, caderno, lápis, mimeógrafo.

Recursos humanos: professor, aluno e funcionários da escola.

Neste dia trabalhei com eles sobre a escola, começamos com uma conversa informal, verificando o que eles sabiam de sua escola, todos participaram, até com muita empolgação, pois todos queriam falar ao mesmo tempo.

Notei que eles sabiam pouco sobre sua escola, como por exemplo, a estrutura física, a localização, a rua, enfim, informações simples, mas que podem fazer a diferença para quem está em um mundo da descoberta do conhecimento.

Por outro lado, há algo que achei muito importante, foi a fala de um aluno quando perguntei o que eles mais gostavam na escola, e ele respondeu que era a Marina, a coordenadora, a professora Cida. Achei importante esta fala, pois o garoto era o menino mais problemático da sala, para outras crianças, o que eles mais gostavam era a hora do recreio, e a parte da escola que mais gostava era a área, onde tinha mais espaço e muitas árvores. Fiquei a pensar porque o menino respondeu. Analisando a fala do garoto mais problemático, fiquei a pensar o significado que as pessoas têm na vida dele, acredito que era pelo carinho com que a professora e a coordenadora o tratavam, devido talvez não ter a atenção merecida em sua casa.

Sei que este relato nada tem haver com meu tema, pois trata de comportamento, mas achei muito importante, pois o comportamento de uma criança reflete na sua aprendizagem e este garoto era um dos garotos especiais, reprovado vários anos, muito indisciplinado, agressivo. Notei nele neste dia um sentimento muito íntimo, e que por trás daquele garoto existia algo a mais que poderia ser trabalhado melhor, e que o mesmo tinha a capacidade de observar como as pessoas o tratavam, as pessoas que lhe queriam bem, isto era importante pra ele.

Notei também que poucos falaram que gostavam da sala de aula. Outro fator importante que eles mais gostavam era a hora da merenda.

No entanto, quando perguntei o que eles vieram fazer na escola, eles responderam que vieram aprender a ler e escrever. O interessante é que isto para eles não é a melhor coisa, poucos sabem a importância do saber ler e escrever.

Voltando à continuação da aula, depois da conversa informal, distribuí uma folha e pedi para que eles desenhassem a parte que mais gostavam na escola. Eles ficaram

empolgados e todos estavam desenhando, alguns não se interessam muito, mas mesmo assim desenharam.

Depois do desenho, distribuí a produção de texto. A professora leu junto com eles e explicou, alguns acharam difícil, pois a atividade seguia alguns um roteiro, era a estrutura de um texto, com algumas informações para irem completando.

Eles tinham que ler e entender para escrever o que estava pedindo, como eles têm muita dificuldade de interpretação, acharam difícil compreender a tarefa.

Mais uma vez a mediação do professor é importante neste processo, se não houver interação com o aluno através do diálogo, a tarefa pouco terá importância para o aluno, pois se o professor simplesmente entregar a tarefa e deixar que ele responda como quiser, o processo da interação com a escrita e a leitura não ocorrerá e a produção de texto não terá sentido, tanto para o aluno quanto para o professor, pois se ele na hora da atividade não interagir com o aluno, ele também não entenderá como o aluno vai entendendo o processo da escrita, ou seja, em qual estágio ele está, para assim continua com o processo.

Achei muito importante a fala de uma criança quando disse: "Tia não quero escrever sobre a minha escola e também não sei escrever, eu não vou fazer esta tarefa quero que passa dever no quadro"

Fiquei muito preocupada no sentido de certa forma a criança se sentir obrigada a escrever e ao invés de aproximar da escrita se distanciar. O interessante é que neste momento a professora conversando com a criança e ajudando-a começou a escrever perguntando como se escrevia as palavras.

As crianças ao desenharem a parte que mais gostava da escola se sentiam muito empolgadas e ao escrever sobre a escola considerava aspectos positivos que ela oferecia como a hora do recreio, as brincadeiras as pessoas que gostavam.

6º Encontro

Plano de aula

Tema: Meu brinquedo preferido

Objetivo: Compreender a aquisição da escrita através da produção de texto.

Metodologia: A metodologia utilizada será através de cartazes com o texto “brincando”
Conversa informal , brincadeiras e desenhos.

Recursos materiais: papel 40 k, pincel, lápis, papel ofício

Neste encontro trabalhamos “Meu brinquedo preferido”.

Iniciei a aula com a leitura do texto “Brincando”, logo em seguida conversamos sobre o texto, o que ele estava dizendo, e o que mais gostaram no texto.

Depois conversamos sobre sua realidade, suas brincadeiras, seus brinquedos favoritos.

Nesta hora, fiquei um pouco desapontada e até triste, porque veio a fala de um coleguinha que dizia que não tinha brinquedo. Pensei então que não foi um bom tema, já que poderia os constranger.

Mas aí expliquei que brinquedo não é só aquele que compramos na loja, mas o que inventamos, também pode ser através da imaginação, ou mesmo no concreto. Então, lembrei a eles de alguns brinquedos, como a pipa, a gude, o carinho de rolimã, bandeirinha, bola.

Outra coisa interessante é a fala de dois coleguinhas, dizendo que não brincava, e então perguntei o que eles faziam, eles responderam que estudava e namorava, e que escrevia cartinhas para as meninas, que tempo de brincar já tinha passado, que agora eles faziam era namorar, que não tinha mais essa de brincar não!

Notei naquelas crianças como desde o início, mas agora com uma certeza maior, uma infância perdida, a fantasia ali não existia mais, a inocência própria da criança também não existia.

O mundo deles era mesmo o mundo real que vivemos, os brinquedos se baseavam no vídeo-game Playstation, as músicas do calypso, forró, rap e alguns raps muito pesados que falam de morte e violência.

Fiquei a pensar no papel da escola, o que ela está fazendo para mudar esta realidade?.

O que eu estava fazendo ali falando em brinquedo? Era como a inocente fosse eu na história, mas aí lembrei que estava fazendo um trabalho, que apesar de estar fazendo um trabalho de pesquisa, aquela realidade eu já conhecia, pois ser professora de uma escola da periferia, onde as crianças também tinham tal comportamento, e então detectei um problema que deveria ser tratado com mais seriedade e responsabilidade por todos que fazem parte da educação.

Que tipo de cidadão estamos formando para nossa sociedade? Qual é o tipo de alunos que temos?

A escola não estaria sendo conteudista demais? E pouco reflexiva acerca dos problemas sociais que afligem nossas crianças?

Enfim, essas foram algumas perguntas que fiz por questões mesmo de análise e uma profunda tristeza.

Desta forma, continuei a tarefa porque o meu objetivo ali era outro, suas produções acerca do tema, pedi então que desenhassem o brinquedo que mais gostavam e escrevessem sobre ele.

A tarefa neste dia era um pouco não tinha somente o texto mas tinha um caça palavras que continham nomes de alguns objetos e brincadeiras eles gostaram muito pois, cada palavra que encontravam era uma festa e todos estavam muito atentos procurando a palavra os que não encontravam ficavam tristes mas não desistia achei muito interessante a empolgação deles. Quando os mesmos encontravam as palavras logo abaixo tinham figuras para que eles pudessem escrever uma frase sobre a figura, também gostaram e notava que os mesmos ficavam pensando como poderia estar formulando a frase depois que eles tinham já formulado começava então a me perguntar como escrevia a palavra x e no mesmo instante pedia para que me dissesse como que ele imaginava que a aquela palavra era escrita, o mesmo me dizia muitos acertavam e quando erravam pedia para descobrir onde que ele errou e o interessante e que a maioria sempre descobria seu erro e no mesmo momento corrigia a palavra.

Depois deles fazerem esta atividade pedi para que eles desenhassem seu brinquedo preferido ou sua brincadeira preferida. Nesta atividade notei uma certa dificuldade, pois, alguns não tinham brinquedo, outros tinham e não queriam dizer pois, queriam outro tipo de brinquedo como o Playstation o vídeo game as meninas queriam a Barbie, a boneca do que tivesse na moda ou seja era a realidade deles nossa também mas conseguir que alguns fizessem com dificuldade é claro de estar construindo um texto.

Concluindo nosso dia pude perceber que neste 6 encontro eles estavam já acostumando com as atividades já não estavam mais tão agitados como no 1 dia pena que não poderia continuar mais pois, os mesmos já iam iniciar as provas de finais de ano e o que dava a nota para eles não era o domínio da linguagem só sim mas eram provas que continham conteúdos que pouco ajuda para o desenvolvimento da escrita.

Analisando o desenvolvimento e vendo suas produções acredito que aquelas crianças que vão passar para a terceira série naquele nível vão ter sérios problemas no futuro com a escrita, pois, continua na terceira série sem também resolver o problema
